

Aleksandar Jovanovic (org.)

Das chaminés à Robótica

Cinqüenta anos do Ciesp-São Caetano

1º edição

São Caetano do Sul
2007



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul

Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Séries Cadernos de História, Documenta e Ensaio

Direção: D. Glenir Santarnecchi

Volumes Publicados:

1. José de Souza Martins, *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
2. *8º Grupamento de Incêndio 32 anos de História*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
3. Yolanda Ascencio, *Meio século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998. 2ª edição revista e ampliada, 1999.
4. Sonia Maria Franco Xavier (org.), *Jayme da Costa Patrão:...um traço marcante na autonomia*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
5. Rui Ribeiro, *Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
6. Guido Carli, *Stí àni gera... cussí (Antigamente era assim)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
7. Agvan de Andrade Matos, Rosemeire Bento Simões (org.), *Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Escola Estadual Laura Lopes, 1999.
8. *Anais do III Congresso de História do ABC. À Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
9. Deliso Villa, *História Esquecida*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2000.
10. Eliane Mimesse, *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.
10. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Um olhar poético sobre São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2002.
11. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Vozes da Vizinhança – Os bairros de São Caetano por seus moradores*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003.
12. José de Souza Martins, *O Imaginário na Imigração Italiana*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003.
13. Mario Del Rey, *História da Maçonaria em São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
14. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Jardins de Infância: registros das escolas infantis de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
15. Alexandre Toler Russo, *Caminhos da Fé. Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
16. Mário Porfírio Rodrigues, *Um Jornal, Uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2005.
17. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Cantos e Recantos*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2006.
18. André Luis Balsante Caram e Neusa Schilaro Scaléa, *Pegoraro*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2006.
19. Priscila Gorzoni, *Abre as portas para os Santos Reis; a história da Folia de Reis em São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2006.

Este livro integra o *Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória*, do período administrativo 2005-2008 (prefeito José Auricchio Júnior), cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.

ISBN 978-85-86788-29-1

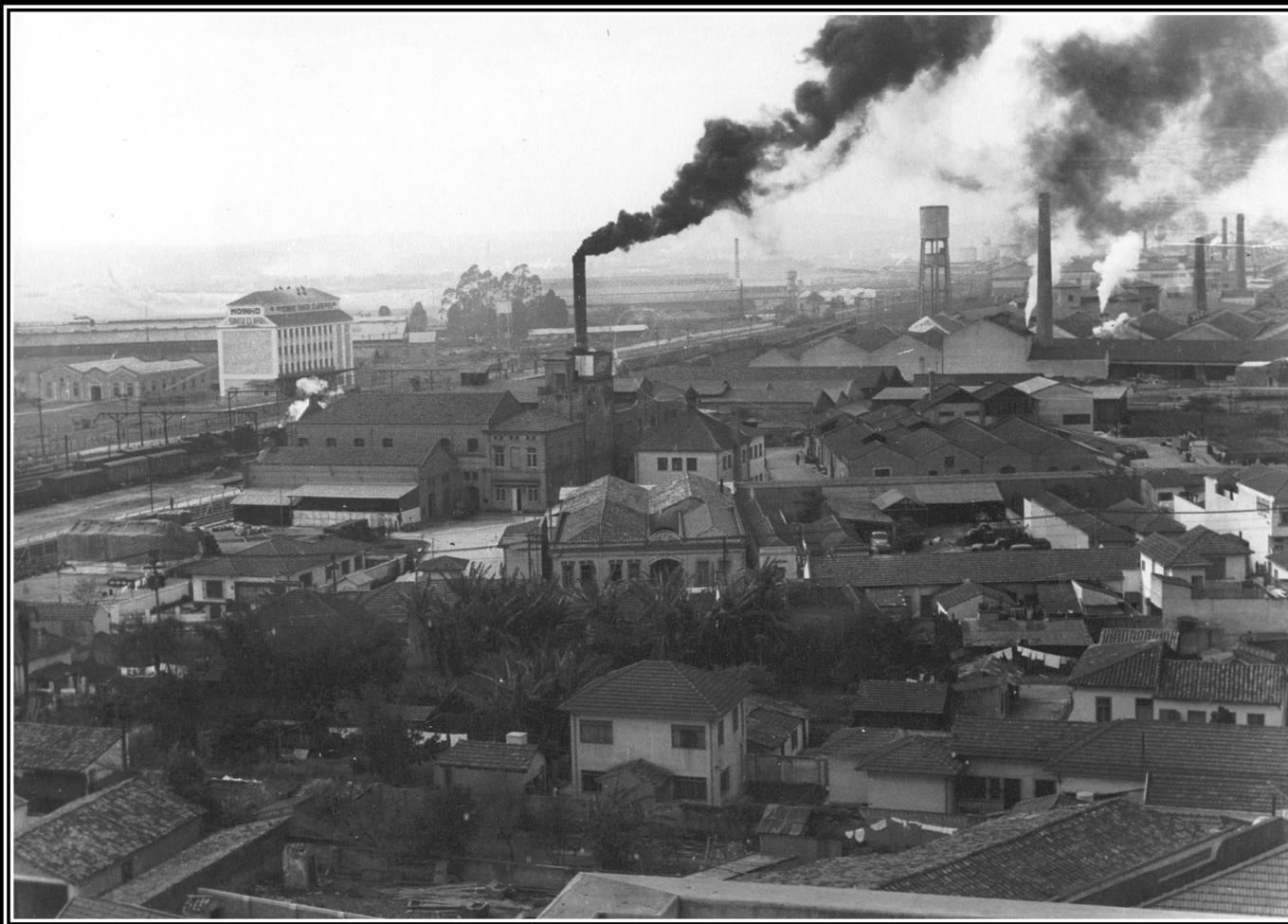
Ficha catalogafica

J77c "Das chaminés à robótica" Cinquenta anos do
Ciesp - São Caetano / Aleksandar
Jovanovic (Organizador). / São Caetano do
Sul / Fundação Pró-Memória de São Caetano
Do Sul, 2007.

1. Industrialização do ABC - Cinquenta anos do Ciesp
2. Ciesp 50 anos - História da Industrialização do ABC
- I. Jovanovic, Aleksandar,

CDD.338.981612

Ficha composta por Jussara Ferreira Muniz



Visão panorâmica de indústrias de São Caetano, na década de 50.
À esquerda, destacam-se o Moinho Santa e a Refinadora de Óleos Brasil; ao fundo a General Motors.
No centro, diante da chaminé, em linha reta, destaca-se a Fami-Itá.

Empresas patrocinadoras das comemorações do Jubileu de Ouro do Ciesp-São Caetano do Sul



Ápice Artes Gráficas Ltda.



Argal Química Indústria e Comércio Ltda.



Caldeiraria São Caetano Indústrias Mecânicas Ltda.



Cardeal Indústria e Comércio de Alimentos Ltda.



Casas Bahia Comercial Ltda.



Comercial e Industrial de Auto Peças CIAP Ltda.



Medição, Controle e Monitoramento
de Processos Industriais

Contemp Indústria, Comércio e Serviços Ltda.



Denver Soluções Integradas em Serviços Ltda.



Diamante Têmpera de Vidros Ltda.



Ecoplas ABC

Ecoplas ABC Ltda.



Engefood Equipamentos, Engenharia e Representações Ltda.



FAMI-ITÁ

Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Itá Ltda.



Farmaco Farmácia de Manipulação Ltda.



H Lam Indústria e Comércio Ltda.



Indústria Agro-Química Braido Ltda.



Indústria Metalúrgica Serep Ltda.



Jada Condutores Elétricos Ltda.



MEDICINA E SEGURANÇA DO TRABALHO S/C LTDA.

Mest Medicina e Segurança no Trabalho S/C Ltda.

METALÚRGICA NHOZINHO LTDA.



Metalúrgica Nhozinho Ltda.



Olking Auto Motriz Ltda.



PAN Produtos Alimentícios Nacionais S/A



Scórprios Indústria Metalúrgica Ltda.



Serthi Hidráulica Ltda.



Indústria Gráfica Ltda.

Sindigraf Indústria Gráfica Ltda.



Indústria mecânica

Soumetal Indústria Mecânica Ltda.



Unionrebit Indústria e Comércio de Artefatos de Metais Ltda.

**Empresas apoiadoras
das comemorações do
Jubileu de Ouro do
Ciesp-São Caetano do Sul**



Banco do Brasil Ltda.



Cooperativa de Crédito Mútuo CIESP ABCD - SICREDI



Editora Pesquisa e Indústria Ltda.
EPIL Listas Telefônicas



soluções em seguras

Golden Stern Soluções em Seguros



Contribuição imensa

Nenhuma empresa ou associação chega aos 50 anos, forte e pujante, por acaso. Ao longo de um período como este as mudanças na sociedade, na estrutura econômica, na qualidade da demanda de clientes ou associados, muda de tal modo, que somente os muito competentes prosperam.

Em 1957, ano da fundação de nossa Diretoria de São Caetano do Sul, o Brasil apenas engatinhava no seu processo de industrialização, e a agricultura parecia ser a única alternativa viável para nossa estratégia de desenvolvimento. Por isso precisamos louvar a visão e a tenacidade de nossos pioneiros, que ao fundar nossa Diretoria em São Caetano já percebiam o rumo do futuro. A eles, e a todos os que os sucederam, e que viveram períodos em que as altas taxas de crescimento se alternavam com outros de inflação sem controle, crises cambiais sucessivas, conturbações políticas e ambiente internacional incerto, e a despeito de tudo isso nunca esmoreceram, e encararam os riscos como desafio e

oportunidade, prestamos nossa homenagem.

Associados e dirigentes competentes, que, junto com o poder público municipal, souberam lidar com a mudança de importantes empresas para o Interior, e redefiniram a estratégia do Município, que hoje se fortalece pela integração das atividades econômicas tradicionais com aquelas baseadas no conhecimento e na inovação. Este modelo vencedor encontra em São Caetano um dos melhores locais para se afirmar.

Este é o caminho do futuro, que em São Caetano já é uma realidade. O Ciesp estadual congratula-se com nossos companheiros e a comunidade de São Caetano, e com seus dirigentes políticos, agradece a imensa contribuição que deles sempre recebeu em suas lutas pelo desenvolvimento econômico, com justiça social e respeito pelo meio ambiente, e tem imensa honra de tê-los integrados conosco.

Cláudio Vaz
Presidente do Ciesp



Avenida Conde Francisco Matarazzo, década de 50.



Ciesp: parceiro no desenvolvimento econômico de São Caetano

O Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) de São Caetano do Sul completa neste ano seu cinquentenário, acumulando experiência e trazendo valorosa e significativa contribuição para nossa cidade. A entidade une, oferece melhores condições e defende os interesses da classe industrial de São Caetano do Sul e, como resultado desse trabalho, observa-se cada vez mais o crescimento de nosso município no cenário nacional.

Desde os idos de 1957, o Ciesp já contribuía significativamente em um dos vértices do modelo de gestão pública adotado atualmente pela minha gestão frente à Prefeitura, amparado no desenvolvimento das áreas econômica, social e ambiental. Uma das mais antigas diretorias do Estado, o Ciesp- São Caetano do Sul é um parceiro da Prefeitura no que diz respeito à representatividade junto ao empresariado local.

A chegada do Jubileu de Ouro do Ciesp em nossa cidade é um prêmio não só

para a entidade, mas também para toda a sociedade sancaetanense. A população do município tem muito a agradecer ao Ciesp de São Caetano do Sul.

A entidade também financia a criação e desenvolvimento de outras instituições, produz divisas e gera empregos e rendas, o que contribui para que os munícipes vivam numa São Caetano do Sul mais justa. O Ciesp ainda atende às demandas atuais da indústria de nossa cidade.

Manter uma instituição da magnitude do Ciesp São Caetano do Sul por 50 anos é uma tarefa que deve ser valorizada a cada dia. Essa entidade é mais que uma parceira da Prefeitura. Ela consiste numa grande aliada para preparar a cidade para as demandas dos próximos anos e superar os desafios que o mundo moderno nos impõe.

José Auricchio Júnior
Prefeito



Visita ao terreno do Senai . Foto tirada na antiga Vila Júlia (atual Bairro Boa Vista), no segundo semestre de 1965, por ocasião da visita de autoridades municipais e do Ciesp ao terreno doado pela prefeitura ao Senai para a construção de uma escola profissional. Da esquerda para a direita: Nilo Ribeiro de Figueiredo (vereador), Christóvam Miguel Sanches (delegado do Ciesp de São Caetano), Raphael Noschese (presidente da Fiesp e do Ciesp), Hermógenes Walter Braidó (prefeito), Herbert Franklin de Arruda Pereira (diretor do Departamento do Interior da Fiesp e do Ciesp), Haroldo dos Santos Abreu (assessor jurídico das três Delegacias do Ciesp no ABC), Cláudio Musumeci (diretor da Fazenda Municipal), Altamiro Dias da Motta (diretor de Administração), Argemiro de Barros Araújo (conselheiro da Delegacia do Ciesp de São Caetano, na ocasião) e Alécio Strabelli (relações públicas da Prefeitura).



Sumário

- 113 - Introdução
- 115 - Uma constante presença da indústria na economia
- 123 - Breve roteiro cronológico
- 100 - **Documentos**
- 137 - Diretorias de 1957 a 2007
- 100 - **Testemunhos**
- 153 - Christóvam Sanches: esforço valeu a pena
- 157 - Braido: é preciso manter a qualidade de vida
- 161 - Rodrigues: dificuldades forjaram a criação
- 165 - Santos: Ciesp mudou a História a partir de 1958
- 169 - Patrão: zelar pelo crescimento conjunto
- 171 - Bonaparte: cidade predestinada
- 175 - Gastaldo: futuro na alta tecnologia
- 179 - Sukadolnik: da vanguarda à aposta no futuro
- 183 - Pesinato: participação é exercício de cidadania
- 187 - Peres: criar zonas industriais
- 191 - Musumeci: criatividade para reter as empresas na cidade
- 100 - **Comemorações do Jubileu de Ouro**
- 196 - Missa na Igreja Matriz
- 197 - Cooperativa abre posto em São Caetano
- 198 - Exposição de Fotografias
- 199 - Sessão solene da Câmara Municipal registra os 50 anos
- 100 - **Conselheiros**
- 112 - Gestão 2004-2007
- 116 - Bibliografia e fontes



Solenidade de abertura da XIII Convenção dos Industriais do Interior, realizada no Centro Social Roberto Simonsen, em São Caetano do Sul, entre os dias 24 e 26 de maio de 1963. A Delegacia do Ciesp local apresentou a tese intitulada "Trânsito em face da atualidade".

Introdução

Registrar fatos equivale a selecioná-los, e selecionar implica, sempre, uma perspectiva particular. O presente trabalho, cujo objetivo é marcar os cinquenta anos de fundação da Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo em São Caetano do Sul, não pode ser considerado um resgate completo dos fatos. Há várias razões para tanto. Primeiro, porque muito material documental ainda não foi localizado. Segundo, porque os inúmeros conflitos (sociais, políticos e econômicos) do período compreendido entre 1957, data de fundação da Delegacia, e o ano corrente não são protagonistas do texto. Terceiro, porque o propósito fundamental foi mais documentar do que pôr os eventos sob uma estrita perspectiva crítica. Por fim, tendo em vista o caráter comemorativo do volume, também estão incluídos alguns dos

eventos que marcaram o transcurso do cinquentenário.

Apenas seis dos pioneiros que integraram a primeira diretoria da Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo em São Caetano do Sul, em 1957, estão entre nós e prestaram depoimento para o livro. São eles Christóvam Miguel Sanches, empresário e primeiro delegado do Ciesp; Mário Porfírio Rodrigues, protagonista ativo do movimento autonomista; Urames Pires dos Santos, engenheiro e ex-vereador por duas legislaturas; Rubens da Costa Patrão, empresário; João Luiz Paschoal Bonaparte, empresário, homem ligado aos esportes na cidade e Walter Braidó, empresário e ex-prefeito em três mandatos. Eles discorreram sobre os fatos que antecederam o estabelecimento do Ciesp-São Caetano e deram o testemunho

privilegiado de quem pode avaliar cinco décadas em retrospectiva. Trata-se do período em que São Caetano do Sul se consolidou no cenário brasileiro como cidade com a melhor qualidade de vida, se levados em conta os critérios adotados pela Unesco para compor o Índice de Desenvolvimento Humano. E, fundamental notar, desde o final do século XIX, a atividade industrial esteve presente no solo do antigo Núcleo Colonial de forma ininterrupta, representando a mais importante atividade econômica.

Portanto, de um lado, o texto docu-

menta a presença constante da indústria na vida da cidade e os valores absoluto e relativo que essa presença representa para a economia de São Caetano e, de outro, busca narrar longitudinalmente o encadeamento de fatos desde a década de 50 do século passado até os dias atuais. Se há no livro qualidades, elas devem ser atribuídas aos documentos, depoimentos e fenômenos descritos pelos personagens da história aqui registrada.

A. J.

Uma constante presença da indústria na economia

Houve significativas transformações geopolíticas, socioeconômicas, tecnológicas e científicas no meio século que separa o ano de fundação da Delegacia do Ciesp de São Caetano dos dias atuais. Elas atingiram o planeta inteiro, o Brasil, em particular, e também alteraram muito a vida em São Caetano do Sul. Ocorreram profundas mudanças nos transportes, nas telecomunicações, nos modos de produção, na percepção que as pessoas têm do mundo. Se, a partir da Revolução Industrial, o símbolo da industrialização eram as chaminés, no final do século XX, a mão-de-obra humana começou a ser substituída por robôs, numa evidente demonstração da mudança de perfil tecnológico processada a partir dos anos 50 do século passado.

Para avaliar o impacto das alterações, basta lembrar que o primeiro satélite, o

Sputnik 1, foi lançado ao espaço em outubro de 1957. Um mês mais tarde, ia para o espaço o primeiro ser vivo, a cadela Laika, a bordo do satélite Sputnik 2. Ambos foram lançados pela União Soviética, país que não existe mais; em seu lugar, foram criadas quinze nações independentes. A Guerra Fria, ou seja, a rivalidade entre as duas superpotências que emergiram dos escombros da Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos e União Soviética, começava a atingir temperaturas escaldantes. As conseqüências diretas da disputa entre os dois blocos político-econômicos e ideológicos, representados por esses dois países, seriam sentidas em todos os continentes e na América Latina, por exemplo, com uma sucessão de governos militares a partir dos anos 60. Cinco décadas depois, já existe uma estação espacial em órbita, visitada

periodicamente por astronautas de diversos países. A Guerra Fria acabou, ao menos na aparência, mas conflitos armados localizados e o terrorismo em escala global assumiram o papel de atores principais do cenário político internacional.

Em 1957, ano em que o ex-presidente Washington Luiz falecia (ele havia sido deposto com a Revolução de 30 que pôs fim à chamada República Velha e desaguaria no Estado Novo pilotado com mão de ferro por Getúlio Vargas), o presidente Juscelino Kubitschek inaugurava no ABC paulista a primeira montadora de automóveis de uma série que se estabeleceria na região. Empossado em 31 de janeiro de 1956, Kubitschek havia traçado um Plano de Metas para o seu governo, agrupado em cinco temas: a construção de Brasília, alimentos, transportes, energia e indústrias de base. O slogan era cinqüenta anos em cinco, ou seja, uma proposta de hiperdesenvolvimento para o País. O País modernizou-se, o ABC teve um crescimento populacional expressivo e explosivo e sofreu também, nos anos 80/90, um processo de evasão de empresas.

O Brasil que emergiu da Segunda Guerra Mundial era ainda um país marcadamente rural, com taxas de industrialização incipientes e uma população de pouco mais de 57 milhões de habitantes (segundo as estatísticas oficiais, em 1950, eram 51.944.397 habitantes e em 1960, 70.070.457). Em 1940, a taxa de analfabetismo era de 56,2%, contra os 69,9% de 1920. A agricultura respondia, em 1920, por 79% do valor da produção total e a indústria, por 21%. Em 1940, a agricultura re-

presentava 57% do valor da produção total e a indústria atingia 43%. Apesar do crescimento significativo da indústria, o café participou com 63,9% das exportações brasileiras em 1950. Atualmente, o País ultrapassou a barreira dos 189,5 milhões de habitantes, o que significa, na média, que a cada década o Brasil cresceu em 26 milhões de habitantes, ou, em outras palavras, incorporou a cada dez anos o equivalente a 2,6 vezes a população de países como Portugal ou a Hungria. Hoje, a maior parte da população brasileira vive em áreas urbanas, muitas delas verdadeiras megalópoles. Não menos de 51,5% dos habitantes era urbana, em 1980, em contraste com os 16% que viviam em cidades, em 1940, e 76%, em 1996. Número significativo de postos de trabalho oferecidos pelas indústrias de transformação foi extinto devido, inclusive, à automação progressiva. A expansão do setor de serviços, por vezes às custas de empregos antes oferecidos pelas indústrias, não representou uma simples substituição do número de postos de trabalho e do valor da massa salarial. Cabe observar que em 1950, 59,9% da população economicamente ativa concentrava-se nas atividades primárias; em 1980, o percentual havia caído para 29,2%. O setor primário contribuiu para o Produto Interno Bruto com 24,2% em 1950 e somente com 9,8% em 1980. Os números de 1998, no entanto, indicam uma distribuição setorial do Produto Interno Bruto em que os serviços geraram 59,7% do produto, a indústria 32,2% e a agricultura 8% do produto.

Nos dias atuais, a produção industrial brasileira enfrenta um mercado globalizado

em que os países do Extremo Oriente, chamados de tigres asiáticos, representam concorrência agressiva: ou são economias em constante expansão e capazes de concorrer no mercado global em função do binômio qualidade/preço (é o caso da indústria automobilística japonesa), ou concorrem sobretudo devido aos baixos preços praticados. Já em maio de 1989, os núcleos do Ciesp no ABC reuniam-se em Santo André para discutir o que acabou sendo rotulado como “esvaziamento industrial da região”, ou seja, a profunda mudança de perfil econômico e suas inúmeras conseqüências socioeconômicas. Como antecedente, houve a recessão de 1981-1983, em que o Produto Interno Bruto assinalou queda de 3,1% e, no período, o declínio médio do PIB foi de 1,6%. Os setores mais penalizados foram as indústrias de bens de consumo durável, localizadas nas áreas mais urbanizadas. Houve a combinação de inflação e estagnação econômica. As taxas de inflação eram elevadas: 110,2% em 1980, 95,2% em 1981 e 99,7% em 1982. A partir de 1984, ocorreu uma reativação da economia devido ao aumento das exportações de produtos industrializados. Mas, em 1984, a inflação chegou a 223,8% e 235,5%, em 1985, enquanto a dívida externa havia subido de US\$ 43, 500.000.000.00, em 1978, para US\$ 91,000.000.000.00 em 1984. Em 1957, era possível andar de bonde na cidade de São Paulo. A Via Anchieta havia sido inaugurada dez anos antes e tornar-se-ia insuficiente e obsoleta, em três décadas e meia, para dar vazão ao fluxo de veículos e produtos entre a Capital e o Litoral. A ferrovia Santos-Jundiaí,

sucessora da São Paulo Railways que trouxera as primeiras famílias de colonos italianos para o Núcleo Colonial que se tornaria o município de São Caetano do Sul, era o principal meio de transporte entre a cidade de São Paulo e o ABC. Cinco décadas depois, não há bondes na capital do Estado, já existem algumas linhas de metrô, mas a ligação rodoferroviária entre a região, a cidade de São Paulo, os aeroportos e o porto de Santos não representa vantagem logística para os municípios do ABC.

Ao longo da década de 50, as três maiores empregadoras de São Caetano do Sul eram a Cerâmica São Caetano, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e a General Motors, instaladas antes da autonomia político-administrativa. Não há dados estatísticos confiáveis para conhecer, ano a ano, o total de empregos que elas ofereciam ou a massa salarial que os trabalhadores tinham em mãos. Vale lembrar, no entanto, que as duas primeiras não existem mais. A terceira responde por uma significativa parcela da arrecadação municipal (é o primeiro maior contribuinte) em razão dos impostos recolhidos e transferidos para a cidade. Se em 1957 a formatura de alunos do curso de Decoração Ceramista, na Escola Senai, merecia destaque em jornais da cidade, quatro décadas mais tarde funciona uma escola de Robótica no lugar em que os especialistas em cerâmica recebiam treinamento. Sinal evidente da grande evolução tecno-científica, de um lado, e da mudança do perfil das atividades econômicas. A produção de cerâmica entrou em processo de extinção na cidade há

vários anos. Inúmeras empresas de grande porte desapareceram; outras se mudaram.

Oswaldo Massei e Lauro Garcia haviam sido eleitos prefeito e vice em 24 de março de 1957 e a cidade contabilizava cerca de 95 mil habitantes, 13 quilômetros quadrados (o Bairro Prosperidade não havia sido incorporado, ainda, ao município por meio de plebiscito), números confirmados pela São Paulo Light, responsável pelo fornecimento de energia elétrica ao município. Vinte e um vereadores integravam a Câmara Municipal, presidida por Concetto Constantino. Quase todos os dados relativos ao Município confirmam que São Caetano possuía 350 estabelecimentos industriais, que empregavam 20 mil trabalhadores. A cidade tinha 1.600 casas de comércio; havia 138.178,60 metros quadrados de área construída, 16 igrejas, um curso de Madureza, uma Escola Normal, 17 escolas primárias, quatro cursos de Datilografia, 14 cursos de Corte e Costura, cinco cursos de Desenho Mecânico, 50 clubes esportivos, 16 agências bancárias e dois jornais. A arrecadação municipal era estimada em CR\$ 114.848.980,20. Portanto, a cada habitante da cidade correspondiam CR\$ 1.208,93 da arrecadação municipal.

No final do ano de 2006, a cidade tinha população estimada de 133.245 habitantes e a arrecadação municipal prevista para o ano em curso era de R\$ 548.604.000,00. A cada habitante correspondem R\$ 4.117,25 de investimento possível, ou seja, uma relação 3,4 vezes maior entre população e arrecadação do que há cinco décadas (sem que se discutam variáveis como o poder de

compra do cruzeiro, em 1957, e do real, em 2007, a inflação acumulada e outras questões correlacionadas). O rendimento médio dos trabalhadores da indústria ainda é significativamente mais alto que o dos demais setores econômicos. Dados referentes a 2004 apontam a seguinte correlação na cidade: (Tabela 1)

Rendimentos médios dos trabalhadores em São Caetano

Atividade econômica	Valor médio em reais
Rendimentos médios na indústria	R\$ 1.942,14
Rendimentos médios nos serviços	R\$ 1.327,63
Rendimentos médios na construção civil	R\$ 1.218,05
Rendimentos médios no comércio	R\$ 1.089,86

Fonte: Fundação Seade

Tabela 1

Em 1942, quando São Caetano aparecia apenas como distrito de Santo André, a população era de 27.568 pessoas, mas havia 362 indústrias. Dentre outras, figuravam na relação as Indústrias Aliberti, Formicida 4 Paus, Reprensagem de Algodão, Metalúrgica São Francisco e Brasilit, todas desaparecidas. Em 1950, São Caetano tinha 60.200 habitantes e 13.725 operários, ao passo que Santo André contava 128.051 habitantes e 32.234 trabalhadores e São Bernardo, 29.409 moradores e apenas 4.181 operários. Cinco décadas mais tarde, a explosão demográfica de Santo André e São Bernardo do Campo, somada à instalação de indústrias de grande porte nesta última cidade, sinaliza as profundas alterações no perfil socioeconômico

da região. São de 1953 dados que atribuem a São Caetano 250 indústrias e 850 estabelecimentos comerciais e 17 mil empregados. Visto que as publicações não especificam, não se pode saber se era o total de pessoas com carteira assinada no Município ou os trabalhadores na indústria. Tampouco há listas acessíveis das empresas registradas na cidade, ano a ano.

Cabe lembrar que ao longo da História do País, os diversos ciclos econômicos (pau-brasil, açúcar, pecuária, mineração, café ou borracha) chegaram a deslocar o eixo geográfico da atividade exportadora e desaguavam na aparição de novos assentamentos populacionais. A expansão da economia cafeeira sinalizava, no século XIX, que o Brasil passava a integrar a nova divisão internacional do trabalho e a população reestruturava-se em função do dinamismo da economia. Assim, de um lado, no Sul, pequenos contingentes de imigrantes europeus formaram colônias que se dedicavam à economia de subsistência e a importação de escravos africanos satisfazia as necessidades de mão-de-obra voltada para o mercado. Ao cessar o tráfico negreiro e até à Abolição, em 1.888, cabia ao comércio interno de escravos o papel de fornecer trabalhadores para a economia cafeeira no Centro-Sul e, depois, trabalhadores europeus, cuja imigração era subsidiada pelo governo, tornaram-se a principal fonte de mão-de-obra para a cafeeira. A formação do mercado econômico interno no País, no período compreendido entre 1890 e 1930, é marcada

pela entrada massiva de imigrantes europeus. A economia estava dividida regionalmente – cacau e cana no Nordeste, borracha no Norte e café no Centro-Sul. O modelo agro-exportador dominou o cenário da Primeira República, período em que a industrialização limitou-se a bens de consumo corrente (alimentos, tecidos, bebidas). Entre 1890 e 1950, o crescimento populacional foi liderado por São Paulo: em 1890, essa unidade da federação representava 9,7% do contingente populacional e, na metade do século XX, passou para mais de 17% do número total de habitantes do País. Entre 1930 e 1950, o processo de industrialização consolida-se com a substituição de importações. Como consequência da Revolução de 30, o desenvolvimento econômico acabou sendo concentrado no Centro-Sul, que passou a abrigar a indústria e a agricultura mais desenvolvidas e, com a unificação do mercado, debilitou essas atividades nas demais regiões do País. O crescimento demográfico de São Caetano no período 1940-1950 coincide, portanto, com o da industrialização que objetiva substituir as importações.

A participação de indústrias de transformação na vida econômica de São Caetano mostra-se constante desde a última década do século XIX. Naquele tempo, eram as olarias que se faziam presentes nos documentos referentes à coleta de impostos como contribuintes, ao lado de mercearias, casas de secos e molhados, etc. Em 1930, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, com suas várias unidades, a Giorgi Picossi e

Cia. e a Cerâmica São Caetano figuravam, respectivamente, como primeiro, segundo e quarto contribuintes de impostos. Devido à falta de documentação, torna-se impossível avaliar o total de indústrias registradas, o número de empregados e massa salarial ao longo dos anos.

A partir dos anos 50 do século passado, começa a internacionalização do mercado e surgimento de uma economia com traços marcantes de monopólio. A industrialização volta-se para os bens intermediários e bens de consumo duráveis (eletrodomésticos, petroquímica, metalurgia, indústria automobilística). No período 1950-1980 verificou-se crescimento considerável do grau de autonomia da indústria, já que em 1985 quatro quintos das necessidades de bens de capital (máquinas e equipamentos) eram atendidos pela produção nacional e a indústria automobilística passou a representar cerca de 10% do Produto Interno Bruto nos anos 80, o setor mais ativo dos bens de consumo durável. Por isso, o processo de industrialização representou uma etapa mais dinâmica da economia brasileira, com a montagem das bases materiais do capitalismo nacional, caracterizado por uma acumulação fundada na indústria. Atividades econômicas concentradas, somadas ao excedente populacional do campo, resultaram em extensos movimentos migratórios que duraram até os anos 70 do século passado, período em que o processo de modernização agrícola faz mais de 15 milhões de pessoas trocarem as zonas rurais pelas urbanas. Intensa mobilidade social e rápido crescimento da economia brasileira revelaram-se como pano de fundo

para as migrações internas. Mas já se manifestavam indícios de desconcentração da atividade econômica. Como já foi observado acima, nos anos 80, ocorrera uma das mais graves crises econômicas do País, com recessão, elevação do desemprego, queda do produto industrial e estagnação geral da economia.

Em 2004, o valor adicionado na indústria, em São Caetano, correspondeu a R\$ 4.394.159.000,00 e nos serviços, a R\$ 1.854.910.000,00, ou seja, o da indústria foi 2,38 superior ao dos serviços. Cabe observar que o conceito de valor adicionado pode ser definido como a riqueza gerada pela empresa e calculada a partir da diferença entre o valor de sua produção e o dos bens produzidos por terceiros utilizados no processo de produção da empresa. Como indicam os dados (vide tabela 2), o Produto Interno Bruto per capita correspondente a US\$ 23,550.95 (valor médio de venda do dólar americano a R\$ 2,10) coloca São Caetano do Sul à frente do 25º classificado pelo Fundo Monetário Internacional em termos de PIB Nominal, no ano de 2006, que é Kuwait (PIB Nominal de US\$ 22,424) e do 26º, os Emirados Árabes Unidos (PIB Nominal de US\$ 22,009). Se se considerar a paridade do poder de compra per capita, o Município desbancaria o 34º colocado da lista do Fundo Monetário Internacional, a República Tcheca, cujo PIB é de US\$ 23,100. A conclusão objetiva é que, a despeito da evasão industrial que atingiu o País e, em particular a região do ABC, o papel desempenhado pelas indústrias na economia da cidade continua sendo importante e a

riqueza gerada é, comparativamente, maior que em épocas passadas.(Tabela 2)

Produto Interno Bruto 2004 - São Caetano do Sul

Descrição	Valores
Valor adicionado na indústria	R\$ 4.394.159.000,00
Valor adicionado nos serviços	R\$ 1.854.910.000,00
Impostol	R\$ 593.096.000,00
Produto Interno Bruto	R\$ 6.694.384.000,00
População em 2004	135.357 habitantes
População estimada em 2006	133.245
Produto Interno Bruto <i>per capita</i>	R\$ 49.457,00

Fonte: IBGE

Tabela 2

Por outro lado, julgando a partir dos dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (vide Tabela 3), o total de assalariados nas indústrias de transformação da cidade foi de 21.024 pessoas em 2004 e o valor dos salários desses trabalhadores totalizou R\$ 794.462.000,00, o que equivale a R\$ 37.788,33 por assalariado, ou a média de R\$ 2.906,79 de salário mensal, considerados 13 salários/ano. Convém salientar que o total de unidades industriais contabilizado pela instituição soma nada menos que 1.050, um número excessivo diante do total de empresas filiadas às associações de classe, de outros dados estatísticos (como os da própria Prefeitura Municipal) ou dos números

com que o próprio Ciesp-São Caetano trabalha. O cerne da questão é saber o que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística considera, para fins estatísticos, sob a rubrica indústrias de transformação, visto que na década de 70 do século passado, quando a cidade ainda não havia sofrido o processo de evasão industrial que também afetou a região ABC, contabilizavam-se cerca de 750 indústrias em São Caetano do Sul, mas não havia especificação por setor de atividade.

Há mais dados que merecem análise pormenorizada: dizem respeito aos 44.827 assalariados apontados em “atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados a empresas” e ao total de assalariados na cidade – 94.919 pessoas -, porquanto não é possível saber (e o mesmo conceito aplica-se aos assalariados na indústria) quantos ocupantes dos postos de trabalho são residentes na cidade e quantos são moradores de outros municípios ou qual é o universo exato de atividades englobadas sob essa rubrica. De qualquer modo, o salário por assalariado nas atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados a empresas é de R\$ 10.950,48, ou a média mensal de R\$ 842,98 de salário mensal, considerados 13 salários/ano. O salário pago pelas indústrias, a julgar pelos dados referentes a 2004, é 3,45 vezes maior que o recebido pelos assalariados em atividades imobiliárias, etc. O comércio empregava 11.833 assalariados distribuídos em 4.242 estabelecimentos, gerando um total de R\$ 155.090.000,00 de salários, ou R\$ 13.106,56 por assalariado ou, ainda R\$ R\$ 1.008,19 mensais, considerados

13 salários/ano. Em outros termos, os salários pagos na indústria são 2,88 maiores que no comércio. É de notar, também, a diversificação de atividades econômicas diagnosticada pelo levantamento realizado em 2004.(Tabela 3)
 O valor total dos salários pagos em São Caetano do Sul, em todas as atividades econômicas descritas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – R\$ 1.713.393.000,00 – corresponde à média de R\$ 18.051,10 de salários/ano recebidos pelos 94.919 trabalhadores, ou à média salarial de R\$ 1.388,54/mês.

Empresas em São Caetano do Sul - 2004

Descrição	Assalariados	Valor dos salários	Unidades
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração	1	R\$ 95.000,00	7
Indústrias extrativas	16	R\$ 794.462.000,00	8
Indústrias de transformação	21.024	R\$ 794.462.000,00	1.050
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	145	R\$ 5.961.000,00	5
Construção	1.817	R\$ 18.252.000,00	201
Comércio, reparação de veículos automotores, objetos pessoais	11.833	R\$ 155.090.000,00	4.242
Alojamento e alimentação	2.644	R\$ 19.332.000,00	956
Transporte, armazenagem e comunicações	1.770	R\$ 23.395.000,00	377
Intermediação financeira	1.774	R\$ 46.332.000,00	266
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados a empresas	44.827	R\$ 491.236.000,00	3.736
Administração pública, defesa e seguridade social	2.855	R\$ 54.369.000,00	5
Educação	2.503	R\$ 58.435.000,00	158
Saúde e serviços sociais	1.572	R\$ 17.840.000,00	390
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	2.138	R\$ 28.594.000,00	662
Total geral	94.919	R\$ 1.713.393.000,00	12.063

Fonte: IBGE

Tabela 3

Breve roteiro cronológico

A fundação da Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo em São Caetano do Sul, em 1957, contou com as presenças de Herbert Arruda Pereira, secretário do Ciesp-São Paulo, João Luiz Paschoal Bonaparte, representante do prefeito Oswaldo Massei, e Jaime da Silva Reis, vereador. Compareceram, ainda, o delegado do Ciesp de Santo André, Antonio Braga (empresário e, anos depois, vereador em Santo André), José Del Chiaro, coletor federal, Júlio César Tindó, representante da Ferro Enamel S/A. Em fevereiro, como homenagem à comemoração do Dia da Indústria, a Prefeitura inaugurava a Escola Padre Alexandre Grigoli, na Rua Nelly Pellegrino, na Vila Gisela (hoje Bairro Nova Gerty).

São Caetano possuía 350 estabelecimentos industriais, que empregavam 20 mil trabalhadores e produziam, anualmente, mais de CR\$ 4 milhões (quatro milhões de cruzeiros). A cidade tinha 1.600 casas de comércio; 138.178,60 metros quadrados de área construída; cinco hospitais; 16 igrejas;

um curso de Madureza; uma Escola Normal; 17 escolas primárias; quatro cursos de Datilografia; 14 cursos de Corte e Costura; cinco cursos de Desenho Mecânico; 50 clubes esportivos; 16 agências bancárias e dois jornais. A arrecadação municipal era estimada em CR\$ 114.848.980,20. Vinte e um vereadores integravam a Câmara Municipal, presidida por Concetto Constantino.

Em 13 de julho do mesmo ano, o Jornal de São Caetano publicava a terceira reportagem a respeito do aniversário da cidade em que sublinhava a existência de dois problemas crônicos: a falta de água e a coleta de esgotos. A água potável teria de vir da Represa Billings, à razão de 20 milhões de litros diários.

Em abril de 1958, a Prefeitura anunciava o início do asfaltamento de 25 ruas: entre as principais, estavam as ruas São Paulo, Maranhão, Rio de Janeiro, Paraíba, Major Carlo Del Prete, Senador Roberto Simonsen e Oswaldo Cruz. A General Motors produzia 250 refrigeradores Frigidaire por dia, ou seja, 56

mil por ano; a previsão para o ano de 1958 era de 56 mil. Em 28 de julho, aniversário da cidade, era inaugurada a Rádio Cacique. São Caetano já somava 35.500 eleitores; quando a comarca foi instalada, em 1955, havia 27 mil eleitores. Um crescimento de 31% no eleitorado, em três anos. Também em julho era anunciada a conclusão da primeira etapa do novo abastecimento de água oriundo da Represa Billings: 50 milhões de litros seriam captados em Riacho Grande para serem distribuídos no ABC. São Caetano do Sul passava a participar da Comissão de Combate à Poluição do Ar e da Água do ABC, formada, ainda, pelos poderes públicos de Santo André e São Bernardo do Campo. Em junho, era inaugurado o Palácio da Alvorada, em Brasília.

Christóvam Miguel Sanches, delegado do Ciesp em São Caetano do Sul, anunciava que defenderia na IX Convenção dos Industriais do Interior, em Araraquara, “uma reforma radical na legislação que regula as atividades dos Institutos e Caixas de Aposentadorias, que não atendem à realidade econômica do País”.

Em agosto de 1958, era inaugurada a estação da Companhia Telefônica da Borda do Campo em São Caetano do Sul, com “telefones automáticos”. Com isso, as cidades da região passariam a contar com ligação direta para São Paulo. “Para o ABC, basta discar o número, mas as chamadas para São Paulo ainda devem ser feitas com o auxílio da telefonista”, informava o Jornal de São Caetano.

No mesmo ano, a Aços Villares passava a produzir 45 mil toneladas de aços especiais por ano. Empréstimo de 1,7 bilhão de

dólares foi conseguido pela empresa e os investimentos nacionais eram estimados em CR\$ 450 milhões. A produção industrial do município era estimada em CR\$ 5.000.000.000,00. A cidade contava com 6.351 veículos motorizados. Informava-se que 72% da população era alfabetizada. Apenas em novembro seriam reiniciadas as obras da ponte que ligaria as ruas Mariano Pamplona, em São Caetano do Sul, e Ibitirama, na Vila Prudente, em São Paulo.

A Fábrica de Chocolates Pan fazia publicidade de seus produtos e informava ser a única do gênero na região e uma das primeiras no País a produzir chocolate, balas, caramelos, bombons, gomas, confeitos, pão de mel, etc. Ocupava área de 10 mil metros quadrados, possuía um quadro de quase 200 funcionários e os responsáveis pela direção eram Oswaldo Falchero, presidente, e Mário Porfírio Rodrigues.

Fundada em 1932, a fábrica de calçados Floreal situava-se na rua São Paulo, esquina com a Avenida Dr. Augusto de Toledo, em área de 1.300 metros quadrados. Produzia 300 pares de chinelos de pelica e 400 pares de calçados, diariamente. Antonio Caparrós Guevara era o presidente da empresa.

O emprego industrial no ABC cresceu, entre 1920 e 1930, de 4.316 operários para 6.409 trabalhadores. Em 1930, nada menos que 40% da força de trabalho estava empregada na indústria têxtil e na indústria de vestuário (2.235 pessoas). Nos demais setores de atividade, a distribuição era a seguinte: metalurgia, 1.217 operários; química, 1.005 trabalhadores; móveis, 885 e cerâmica e

congêneres, 597.

A Destilaria Dunga, originalmente fábrica de bebidas e refrigerantes, havia sido instalada na cidade em 1943 por Francisco Miguel Mora na Avenida Souza Ramos, 62. A partir de 1946, passou a chamar-se Indústria e Comércio de Bebidas São Caetano e transferiu as instalações para a rua Alegre, 35. Funcionava em dependências de 2.300 metros quadrados e empregava cerca de 50 pessoas. Produzia aguardentes compostas, conhaque, xaropes, vinhos compostos e refrigerantes. Texto jornalístico de 1959, com teor publicitário, dava conta de que vasilhames e rolhas e cortiças estocados representavam capital de dois milhões de cruzeiros (sic) e o valor dos veículos próprios da empresa alcançava o montante de cinco milhões de cruzeiros.

De outro lado, a Fábrica de Correntes São Caetano Ltda, funcionava na rua Prudente de Moraes, 60, e havia sido fundada em 1947. Foi a quarta indústria do ramo no Estado; fabricava correntes de diversos tipos (industriais, para fins domésticos, para a lavoura, transportes). Isidoro de Santis e Ângelo Sacomani eram os sócios da empresa.

Em 1946, a Willo Indústria de Artefatos de Madeira mudou-se para São Caetano. Fundada em 1904, pelo dinamarquês Alberto Wilhelmsen, funcionou em São Paulo durante 42 anos. Fabricava caixas para rádio e televisão e prateleiras Lundia, de patente sueca. Funcionava em área de 14.500 metros quadrados, empregava 300 operários e em 1956 vendeu a média de

90 milhões de cruzeiros em caixas de madeira. O valor representava nada menos que 27% do orçamento de 326 milhões de cruzeiros, previsto para a cidade durante o exercício de 1960, ano em que a Aços Villares inaugurava a única forjaria pesada da América Latina, em São Caetano, e a empresa anunciava a produção de nada menos de 36 mil toneladas de aços finos por ano.

Em janeiro de 1959, São Caetano ganhava 400 aparelhos telefônicos e a Companhia Telefônica da Borda do Campo prometia outros 2.660, até 1961; ao mesmo tempo, o ABC passaria a ter 9.600 aparelhos telefônicos em vez dos 7.600 até então existentes. A conquista resultava do empenho da comunidade e de sucessivas intervenções do Ciesp-São Caetano. O presidente Juscelino Kubitschek anunciava que o País rompia com o Fundo Monetário Internacional e, em dezembro, sancionava a lei que criava a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). A cidade produzia, por outro lado, grande variedade de produtos: veículos, geladeiras, fios, telhas, tijolos, objetos de adorno, alimentos, fiação e tecelagem, produtos químicos, calçados, artefatos diversos e matérias-primas. No dia 6 de maio, eram inaugurados os taxímetros na cidade e o fato provocava sensação na Avenida Francisco Matarazzo.

A produção industrial da cidade era avaliada em CR\$ 10 bilhões, em 1959. O orçamento municipal representava CR\$ 132.471.000; São Caetano contribuía com Cr\$ 636.869.813,00 para os cofres estaduais e CR\$ 771.519.549,70, para os cofres federais.

O total de indústrias girava em torno de 350 e a população era estimada em 120 mil habitantes. No final do ano, o orçamento municipal projetado para 1960 era de CR\$ 326.000.00,00. A construção do Paço Municipal, na Avenida Goiás, 600, tivera início em agosto e a Avenida Almirante Dellamare havia sido inaugurada em outubro, melhorando a ligação rodoviária com São Paulo. O Instituto de Ensino de São Caetano do Sul havia sediado o Terceiro Seminário do Ciesp-São Caetano, cujo tema era A Importância da Organização Racional do Trabalho; o comparecimento anunciado foi de 250 diretores de indústrias da cidade.

Em abril de 1960, o prédio da Escola Senai, construído entre as Ruas Goitacazes, Rio Grande do Sul e Niterói, estava quase pronto. A escola preparava técnicos para a indústria de cerâmica e funcionava, ainda, em local provisório. A Prefeitura inaugurava dois reservatórios de água (um para três milhões de litros, outro para 250 mil litros), 55 quilômetros de rede de água nova que abasteceria a cidade a partir da estação de tratamento da Represa Billings, em São Bernardo do Campo. Em maio, a Delegacia do Ciesp-São Caetano promovia palestra sobre as zonas de comércio livre e o assessor econômico da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo-Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, Heitor Ferreira Lima, havia proferido palestra no Instituto de Educação de São Caetano do Sul. Em setembro, o Museu Municipal havia sido inaugurado na Rua Baraldi, 924. Enquanto isso, o Ciesp-São Caetano criticava o “abandono da Avenida Almirante Dellamare”,

expedia ofícios para o prefeito de São Paulo, Adhemar de Barros e para o deputado estadual Anacleto Campanella, pedia orçamento referente ao custo dos reparos e aventava a possibilidade de as indústrias locais pedirem autorização ao prefeito Oswaldo Massei para elas próprias executarem o conserto. A avenida seria interditada, para reparos, em 2 de dezembro.

Jânio Quadros, tendo como vice-presidente João Goulart, tomava posse em 31 de janeiro de 1961. Em 25 de agosto do mesmo, renunciaria ao mandato. Abria-se uma crise institucional solucionada com a adoção do regime parlamentarista: João Goulart tomava posse em setembro, como presidente da Nação, e Tancredo Neves era indicado primeiro-ministro. Em março de 1961, eram inaugurados dois reservatórios do Bairro Santa Maria (três milhões de litros e 180 mil litros), o Paço Municipal e a Concha Acústica, ambos na Avenida Goiás. Estimava-se a presença de 20 mil pessoas no show musical promovido para a inauguração da Concha Acústica (obra demolida por volta de 2.003). Ainda em 1961, foi iniciada a construção do primeiro prédio de apartamento de São Caetano do Sul, o edifício Di Thiene, localizado na Rua Monte Alegre, 90

Em janeiro de 1962, houve movimentação de moradores da Vila Lucinda (atual Bairro Fundação) devido à poluição de fábrica localizada na esquina das ruas Municipal e Herculano de Freitas. Em 30 de abril, a Campos & Auada, localizada na rua Santa Rosa, havia sido condenada pelo Tribunal de Justiça do Estado a deixar o centro da cidade, devido à poluição que provocava; a

multa diária pelo não-cumprimento da sentença foi fixada em CR\$ 5.000,00. Representantes do Ciesp-São Caetano compareciam, em junho, à XXI Convenção das Indústrias, em Botucatu; Christóvam Miguel Sanches defendeu tese denominada Compensação de horário no trabalho de mulheres e de menores. No mesmo mês, o delegado federal Nicolau Tuma falava na Delegacia do Ciesp-São Caetano sobre o novo Código Nacional de Trânsito e a General Motors anunciava o lançamento do caminhão Chevrolet 6.500, “que permite a adaptação de qualquer tipo de carroceria”. A Praça Cardeal Arcoverde ganhava fonte luminosa, que custou CR\$ 9 milhões. Entre junho e julho, renúncias seguidas de primeiros-ministros e veto do Congresso ao nome de San Tiago Dantas.

A Escola de Cerâmica Armando de Arruda Pereira do Senai foi inaugurada em agosto de 1962, com as presenças do presidente e vice-presidente do Fiesp-Ciesp, Antonio Devisate e José Ermírio de Moraes Filho; eram 4.500 metros quadrados, com equipamentos e instalações avaliados em CR\$ 63.000.000,00.

Christóvam Miguel Sanches, delegado do Ciesp-São Caetano, manifestava-se a respeito da poluição do ar na região e afirmava que o fato “injustamente está sendo atribuída somente à indústria”. A Câmara Municipal de São Caetano instaurava Comissão Parlamentar de Inquérito a fim de apurar as razões da constante falta de água na cidade.

A XIII Convenção dos Industriais do

Interior foi realizada em São Caetano, entre os dias 24 e 26 de maio de 1963, no Centro Social Roberto Simonsen da Cerâmica São Caetano. Na instalação das atividades, falaram em nome do Fiesp-Ciesp Antonio Devisate, Rafael Noschese e Herbert de Arruda Pereira. Em julho, a Delegacia do Ciesp-São Caetano anunciava que patrocinaria a instalação de unidade do Corpo de Bombeiros na cidade. Em 1º de dezembro, 800 eleitores da Vila Prosperidade (atual Bairro Prosperidade) manifestavam-se, em plebiscito, a respeito da anexação a São Caetano. O resultado foi de 70% a favor da anexação; a cidade passaria, assim, a ter 15 quilômetros quadrados de área, mas a incorporação, de fato, ocorreria somente em junho de 1966, depois de 18 anos de separação. A pendência judicial com a Prefeitura de Santo André, no entanto, chegaria ao fim somente em 1967, quando o Supremo Tribunal Federal decidiria a favor da anexação definitiva. Plebiscito nacional dava a vitória ao presidencialismo como regime de governo preferido pela população.

O ano de 1964 começava com uma verdadeira mega-enchente na Bacia do Córrego do Moinho, atingindo os Bairros Fundação, Cerâmica e Vila Gerty; os prejuízos foram avaliados em CR\$ 100.000.000,00. Em fevereiro, uma caldeira da fábrica de formicida A.Assumpção, situada na Rua Casemiro de Abreu, havia explodido; 700 moradores já haviam entregue abaixo-assinado à Prefeitura contra a empresa por causa da fumaça expelida. Março de 1964: o presidente João Goulart anunciava, em comício, o tabelamento dos

aluguéis e a nacionalização das refinarias de petróleo. No dia 26 de março, ocorria a Revolta dos Marinheiros, no Rio de Janeiro. No dia 31 de março, o governo de Goulart era derrubado, na prática, pela movimentação de tropas do Exército. O Ato Institucional Número 1 foi editado em 9 de abril, depôs o presidente João Goulart e começava a cassar mandatos. No dia 15 de abril, o marechal Castelo Branco era empossado na Presidência, com mandato até 1967. Em maio, foi lançada a pedra fundamental da Escola de Engenharia Mauá. Com estardalhaço, a Prefeitura anunciava o fechamento da Indústria Tippelt, fabricante de pedras de isqueiro, na Rua Major Carlos Del Prete, atendendo a reclamações dos moradores que se queixavam da poluição. Campanha similar havia sido deflagrada também contra a Eletro-Metalúrgica Redan Ltda, que funcionava à Rua Venceslau Brás, 115. Era lançada no mercado nacional a Remington Standard, “a primeira máquina de escrever brasileira.” Em julho, representantes da Delegacia do Ciesp-São Caetano compareciam à XIV Convenção das Indústrias do Interior, em Bauru, e defendiam tese intitulada Participação dos trabalhadores nos lucros das empresas. Dados divulgados oficialmente estimavam em 30 mil o total de trabalhadores empregados em 420 indústrias da cidade, e em cerca de 130 mil o número de habitantes. O Ciesp-São Caetano movimentava-se para conseguir fundos para a construção de prédios na Escola de Engenharia Mauá. A obra seria inaugurada em dezembro de 1970 pelo governador Roberto de Abreu Sodré que lançaria também, na oportunidade, a pedra fundamental de um

novo edifício, cuja construção seria financiada com verbas estaduais, municipais e da iniciativa privada. Em setembro, veiculavam-se queixas contra a Brasinca, instalada na Rua Antonio Bento: os vizinhos reclamavam de barulho e perturbação do sossego. Enquanto isso, em outubro, a Pan (Produtos Alimentícios Nacionais S/A) montava um avião no IV Salão da Criança, no Ibirapuera. Nos primeiros dias de dezembro, o Ciesp-São Caetano enviava telegrama ao presidente da República, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, pedindo “a liberação de crédito bancário para as indústrias enfrentarem os compromissos de fim de ano”.

Também o ano de 1965 começou com uma grande enchente: no Bairro Cerâmica, a Mineração São Gerônimo anunciava a perda de fornos e toneladas de material pronto. Em novembro, a Prefeitura anunciava a doação de terreno de 12 mil metros quadrados para o Sesi para a construção de escola profissional na Vila Júlia (atual Bairro Boa Vista). O presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, Raphael Noschese, veio à cidade receber a doação das mãos do prefeito Walter Braido (A escola – denominada Conjunto Educacional, Assistencial e Esportivo Marechal Eurico Gaspar Dutra – seria inaugurada em março de 1970 e as instalações compreendiam ambulatório médico-odontológico, centro educacional com curso primário, centros de áreas industriais, biblioteca, centro esportivo e cursos especializados). No mesmo mês, a Prefeitura anunciava a doação de áreas para a construção de delegacia e cadeia em São Caetano. Instalações do Corpo de Bombeiros

na cidade eram inauguradas em julho de 1966. A cidade tinha 67.429 eleitores inscritos. Nesse ano, foram inauguradas novas pontes para ligar São Caetano ao Ipiranga e à Mooca, com acesso pela Rua Baraldi e pela Avenida Presidente Wilson, respectivamente. Em março de 1967, o marechal Costa e Silva era empossado na Presidência, tendo o civil Pedro Aleixo como vice. Em abril de 1968, 68 municípios do Brasil foram transformados em área de segurança nacional e proibidos de realizar eleições municipais. No mês de dezembro, o governo militar baixava o Ato Institucional Número 5, que decretava o recesso do Congresso, das Assembleias Legislativas e das Câmaras Municipais. Ocorreu a suspensão dos direitos políticos de muitas pessoas por dez anos e também a suspensão do habeas corpus, nos casos de crime político contra a segurança nacional.

Desde a instalação da Delegacia do Ciesp na cidade, a lista de reivindicações da entidade incluía, entre outros, a instalação de unidade do Corpo de Bombeiros, a filiação de 70% das indústrias à entidade, a construção de escola profissionalizante do Sesi, a instalação de agência da Light (empresa que antecedeu a Eletropaulo no fornecimento de energia elétrica), a pavimentação e a colocação de iluminação a vapor de mercúrio na Avenida Almirante Dellamare, autorização para que o Banco do Estado recolhesse o Imposto sobre Circulação de Mercadorias.

Diretores do Instituto Nacional da Previdência Social foram convidados à sede do Ciesp- São Caetano, em outubro de 1969, para falar a respeito do funcionamento da

agência local: Plínio Borges e Francisco A. Abataiguara explicaram que o atendimento não era melhor por falta de recursos humanos. A Prefeitura doava terreno de 18 mil metros quadrados para o Senai construir outra escola de aprendizagem industrial na cidade. Em janeiro de 1970, a ZF (subsidiária da alemã Zahnradfabrik Friedrichshafen AG) anunciava que havia exportado 400 mil dólares de peças no ano anterior. Ao mesmo tempo, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo passavam a vender alimentos, tecidos e outros produtos, diretamente ao consumidor, no Supermercado Matarazzo, na Praça Comendador Ermelino Matarazzo, 91, no Bairro Fundação.

Em abril de 1970, a Prefeitura anunciava ter resolvido a pendência judicial com a Mannesmann, que se iniciou em 1967 devido às obras de retificação do rio Tamanduateí. Uma área de 13.624 metros quadrados foi desapropriada, mas sete mil metros quadrados possuíam instalações industriais. A empresa não está mais na cidade. Em junho, as jogadoras de basquete do Brasil que ganharam a medalha de bronze no Campeonato Mundial de 1971 eram homenageadas nas dependências da Brasinca Ferramentaria, Carroçaria e Veículos, empresa que também não está mais no Município. Marlene, Norminha, Delcy e Elzinha, da seleção medalhista, eram atletas de São Caetano.

O Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado anunciava, em janeiro de 1971, obras no rio Tamanduateí ao mesmo tempo em que o ribeirão dos Meninos

transbordava, atingindo os Bairros Fundação e Prosperidade. Comemoravam-se os 55 anos de instalação da General Motors em São Caetano, e 60 anos de chegada da empresa ao Brasil. O Monza S/R esportivo havia sido lançado no mercado e anunciava as novidades para a linha 1986. Em outubro, o Ciesp fazia homenagens a Mescilavas Kulesis, da Unionrebit S/A, como Industrial do Ano; André Beer, da General Motors, como Personalidade Industrial do Ano e João Sáfrány, da Metalúrgica Sáfrány Ltda, como Personalidade de São Caetano.

No ano de 1972, eram concluídas as obras da Avenida Kennedy, com alargamento e limpeza do Córrego do Moinho. Assim, a ligação com Santo André podia ser feita através da rua Boa Vista. Emenda Constitucional tornava indiretas as eleições para governador. O alargamento da Avenida Goiás era iniciado em 1973, com desapropriações. No final do ano, a empresa Magnesita, que havia adquirido a Cerâmica São Caetano do Grupo Simonsen, aventava a hipótese de a empresa abandonar a cidade.

Abril de 1974 trazia uma notícia ruim para a Indústria de Móveis Ita, fabricante da Cadeira do Papai: as instalações eram destruídas na Rua Piratininga por um grande incêndio. Em agosto, anunciava-se que as Indústrias Aliberti, que estavam em São Caetano há 51 anos, mudariam para Rio Claro, onde foram construídas novas instalações. O Colégio Eleitoral havia indicado o general Ernesto Geisel para a presidência da República; ele seria empossado em março. Em 15 novembro, nas eleições para o Congresso Nacional o

MDB, partido de oposição, elegeu 16 senadores contra seis da Arena, partido que apoiava o regime.

Em 1976, a Torrefação Café Jambo instalava equipamentos contra a poluição. A Metalúrgica Dall'Anese, localizada na Rua Amazonas, noticiava que era a primeira firma exportadora a usar a Cacex (Carteira do Comércio Exterior) de São Caetano do Sul: havia assinado a guia de exportação de cintos de segurança de ferro galvanizado para tubos de televisão para o Peru. Em julho, o presidente Ernesto Geisel sancionava lei que alterava o Código Eleitoral, que ficou conhecido como Lei Falcão (alusão a Armando Falcão, ministro da Justiça).

No início de 1977, a Indústria de Transformadores ABC, localizada na Alameda São Caetano, 1269, informava que mudaria as instalações para Ribeirão Pires, por necessitar de área de quatro mil metros quadrados; dispunha somente de 1.200, explicavam os diretores. Em junho, a Metalúrgica Sáfrány comemorava 33 anos de existência e o fato era noticiado pelos veículos impressos. O orçamento municipal era de CR\$ 378.383.600,00. No final do ano, as águas do Rio Tamanduateí e do Ribeirão dos Meninos atingiram 1m80 de altura e vitimavam 300 famílias. No primeiro centenário da cidade, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo ainda veiculavam mensagem paga cumprimentando a população, a exemplo do que faziam as Casas Bahia. Em 1º de abril, o presidente Ernesto Geisel fechava o Congresso Nacional, baixava o chamado Pacote de Abril, que promovia a reforma do

Judiciário, ampliava o mandato presidencial para seis anos, criava a figura do senador biônico (um terço dos membros do Senado eleitos por voto indireto) e aumentava as bancadas de deputados federais nos Estados com pouca população.

Nas comemorações do 101º aniversário da cidade, em 1978, a população era estimada em 181.720 habitantes, números jamais confirmados por dados estatísticos oficiais. O total de indústrias divulgado pela Prefeitura era de 652. Contabilizavam-se 3.530 casas comerciais, segundo dados atribuídos à Associação Comercial e Industrial da cidade. Havia 53.355 veículos registrados. O orçamento previsto para São Caetano do Sul era de CR\$ 565.000.000,00. Em 12 de maio, trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo iniciavam a primeira greve depois da edição do Ato Institucional Número 5. Em dezembro, o presidente Ernesto Geisel revogava o AI-5.

Em 1979, a empresa Irmãos Chiea Ltda, localizada a Alameda São Caetano, 2033, comemorava 31 anos de existência; estava na cidade desde 1960. Fundada em 12 de setembro de 1949, a Unionrebit S/A – Indústria e Comércio de Artefatos de Metais comemorava 30 anos. Iniciou as atividades na Rua Alegre, 123; em 1959, mudou-se para Rua Alagoas, 130, produzindo rebites para lonas, freios, fricção, rebites para vitrôs e calhas. A General Motors anunciava o lançamento do Chevette Hatch, versão três portas. O general João Batista Figueiredo era empossado na Presidência em 15 de março. No dia 1º de maio, 130 mil trabalhadores

reuniam-se no Estádio de Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, num evento organizado por 50 sindicatos e entidades de base. Em novembro, o Congresso Nacional votava lei que extinguiu o MDB e a Arena, acaba com o sistema bipartidário no País e permitia o retorno do sistema pluripartidário a partir do ano seguinte.

A Delegacia de São Caetano do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo prestava homenagem póstuma a João Nicolau Braidó, eleito Industrial do Ano; cartão de prata era entregue aos familiares nas dependências do Sesi em maio de 1980. Em fevereiro, era lançado o manifesto de criação do Partido dos Trabalhadores. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luiz Inácio Lula da Silva, e mais catorze pessoas eram presos com base na Lei de Segurança Nacional. No ano seguinte, o diretor-presidente da Pan-Produtos Alimentícios Nacionais S/A, Oswaldo Falchero, era eleito na cidade como Industrial do Ano, por decisão do Ciesp local. Em abril, duas bombas explodiam no Riocentro durante o show em comemoração ao Dia do Trabalho. Em novembro de 1982, eram realizadas eleições diretas para governadores, prefeitos, senadores, deputados federais e estaduais e vereadores.

O Monza quatro portas, três volumes, cinco marchas, direção hidráulica, levantador elétrico dos vidros era anunciado pela General Motors, no início de 1983, como veículo que oferecia “beleza, luxo e muita classe”. André Beer, funcionário desde 1951, tornava-se diretor-executivo da General Motors, presidia

a Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) e passava a responder pelas áreas de Relações Públicas, Industrial e Governamental e também a Financiadora e Distribuidora GM. Em agosto, era criada a Central Única dos Trabalhadores. Em 16 de abril de 1984, o Comício pelas Diretas-Já reunia um milhão e trezentas mil pessoas em São Paulo, pedindo eleição direta para a Presidência. No dia 26, a Câmara dos Deputados rejeitava a Emenda Dante de Oliveira, que previa eleições diretas para presidente da República. No dia 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves vence Paulo Maluf no Colégio Eleitoral por 480 votos a 180 e era eleito, indiretamente, presidente da República. Tancredo Neves não tomaria posse: após 38 dias de internação hospitalar, morria em abril. O vice-presidente José Sarney tomava posse. Em 10 de maio, o Congresso aprovava emenda constitucional que estendia o voto aos analfabetos, legalizava os partidos de esquerda e permitia eleições diretas para prefeitos das capitais de Estado e presidente da República.

O Atlas do Mercado Brasileiro proclamava São Caetano do Sul como o melhor em qualidade de vida entre todos os municípios brasileiros. Corria o mês de fevereiro de 1986. A pesquisa havia sido feita em 4.135 cidades do País com base em dados do IBGE e os fatores considerados foram: domicílios com tevê em cores, telefone, automóvel, imóveis ligados a redes de esgoto e renda familiar superior a 20 salários mínimos. Em março, a General Motors anunciava que aumentaria em 30% as

exportações que totalizaram 44 mil veículos no ano anterior. O Ciesp escolhia Ettore Dal'Mas, da Dal'Mas S/A Indústria Agroquímica Brasileira, como Industrial do Ano e conferia a David Tavares, da Cerâmica São Caetano, o título de Executivo do Ano. Em 28 de fevereiro, o presidente José Sarney lançava o Plano Cruzado, que seria substituído, um ano depois, pelo chamado Plano Bresser.

A Prefeitura de São Caetano anunciava, em outubro de 1987, que o orçamento previsto para 1988 era de CZ\$ 1.800.000.000,00 (um bilhão e oitocentos milhões de cruzados). O ano de 1988 começava debaixo de chuva e os Bairros São José, Prosperidade, Fundação e Centro ficaram ilhados pelas águas. Em abril, o comerciante e o industrial do ano eram homenageados na cidade: o diretor-comercial da Casas Bahia, Samuel Klein, e o diretor-presidente da Indústria Metalúrgica São Caetano S/A, Péricles Gastaldo. Em maio, a administração municipal e a General Motors anunciavam a criação de uma Escola de Ginástica Rítmica que funcionaria nas dependências da ADC General Motors. No dia 28 de julho, aniversário da cidade, era inaugurado o Monumento ao Imigrante Italiano, na Praça Luiz Ventura, na entrada do Município, com a presença de numerosa delegação italiana oriunda da cidade-irmã de Vittorio Veneto. Em novembro, o Palacete Denardi (restaurado) foi inaugurado e passaria a sediar o Museu Municipal. Em fevereiro, era instalada a quinta Assembléia Nacional Constituinte. O ano de 1988 trazia muitos fatos políticos novos: a Assembléia Constituinte

estendia o mandato de José Sarney para cinco anos, os descontentes com o PMDB fundavam o PSDB, a nova Constituição era promulgada em 5 de outubro, o PT e o PDT, partidos de oposição venciam as eleições municipais nas principais capitais do País e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Acre, Chico Mendes, era assassinado a tiros; o fato repercutiu internacionalmente.

Os Bairros São José e Prosperidade figuravam na lista dos mais atingidos pelas enchentes de janeiro de 1989. Em 15 de janeiro, o presidente José Sarney lançava o terceiro plano econômico de seu governo – o Plano Verão. A cidade contabilizava 180 mil habitantes, 490 indústrias e 2.900 estabelecimentos comerciais (números sujeitos a verificação e flutuação freqüente) e significativas perdas de fontes de renda eram anunciadas, uma vez que o índice da cidade na distribuição global do índice do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) era de 1,22 pontos contra 2,44 em 1975. Em maio, a Prefeitura anunciava uma queda real do ICM de 11,63%. Enquanto o Kadett, que acabava de ser lançado pela General Motors no Brasil, havia sido eleito o carro do ano na Espanha, representantes dos Ciesps da região discutiam, em Santo André, o que classificavam de “esvaziamento industrial do ABC” e apontavam que a alta tecnologia poderia ser uma das alternativas para a região voltar a crescer economicamente. Afirmando estar apoiado em dados do IBGE, o Atlas do Mercado Brasileiro anunciava que 50% dos moradores da cidade possuíam automóvel,

90% tinham fogão, 91% aparelho rádio e 19% duas televisões e que mais de 40% da população ativa ganhava entre dez e 20 salários-mínimos. Em outubro, anunciava-se para 1990 um orçamento municipal no valor de CZN\$ 252.000.000,00 (cruzados novos). Na primeira eleição direta para a Presidência depois de 29 anos, venciam o candidato Fernando Collor de Mello.

Já era o ano de 1990. Fernando Collor de Mello tomava posse na Presidência em 15 de março e no dia seguinte anunciava um pacote econômico e o confisco, durante 18 meses, de todos os saldos bancários (conta-corrente, poupança e outros investimentos) superiores a CR\$ 50.000,00. Tarcizio Waldemar de Souza, da Taluzi Ind. Metalúrgica, foi homenageado como Industrial do Ano, e Nelson Gonçalves, da Pneus Gonçalves, como Comerciante do Ano, ambos indicados no ano anterior. Em setembro, era anunciada a implantação de um curso técnico de Informática Industrial para a automação de manufaturas na Escola Armando de Arruda Pereira, em decorrência de convênio entre o Senai e a Japan International Cooperation Agency.

As chuvas castigaram a cidade novamente nos três primeiros meses do ano de 1991, a Prefeitura decretou estado de calamidade pública e isentou de impostos a população atingida pelas águas. O governo federal lançava o Plano Collor-2, novo pacote econômico. Em agosto de 1992, eram entregues o novo Paço Municipal e a nova sede do Departamento de Água e Esgoto, no Bairro Cerâmica. Em setembro, eram

homenageados Julberto de Souza, diretor da Palmares Veículos, e André Beer, vice-presidente da General Motors, escolhido como o Industrial do Ano. Em dezembro, a General Motors anunciava que, no dia 4, havia produzido um veículo Omega GLS prateado que saiu da linha de montagem da fábrica de São Caetano com o número 10.000; eram dez mil unidades produzidas. Foi o ano em que a Câmara Federal aprovou o afastamento do presidente Collor de Mello, após denúncias do irmão, Pedro, de que havia corrupção no governo. Collor renunciou em dezembro. O vice-presidente Itamar Franco assumia a Presidência.

Em março de 1993, a Prefeitura anunciava apoio à I Feira das Indústrias, cujo objetivo era divulgar os produtos manufaturados na cidade e na região. Firmava-se uma parceria entre a administração municipal, o Sesi e a Diretoria Municipal do Ciesp. Os 116 anos de fundação do município eram comemorados com a visita de delegação da cidade-irmã de Vittorio Veneto, na Itália, e a cidade ganhava prédio de 40 mil metros quadrados, entre a Rua Manoel Coelho e a Avenida Roberto Simonsen, que funcionaria como shopping center durante alguns anos. O Superior Tribunal de Justiça confirmava a cassação dos direitos políticos de Fernando Collor de Mello por oito anos, medida que havia sido votada pelo Senado em 30 de dezembro do ano anterior.

O Ciesp de São Caetano inaugurava, em abril de 1994, sede na Rua Peri, 317, no Bairro Santa Paula, e o diretor-titular, José Ricardo Sukadolnik, anunciava a intenção de

agilizar a comunicação com a Fiesp, a criação de um Banco de Dados e a realização de parceria com o Sebrae para organizar cursos. São Caetano contabilizava, em 1995, uma centena de lojas de revenda de veículos, mas a crise econômica era apontada como responsável pela queda de 70% nas vendas; a primeira revenda havia sido fundada na cidade em 1964. Em 15 de outubro, Fernando Henrique Cardoso era eleito para a Presidência. No dia 28 de janeiro de 1997, o Congresso aprovava emenda constitucional que permitiria a reeleição para os cargos majoritários (presidente, governador e prefeito).

Em janeiro de 1998, a General Motors divulgava números referentes ao ano anterior e anunciava produção recorde de 437.553 veículos e exportações totais de US\$ 770 milhões. Veículos de comunicação impressa falavam sobre as cem mil imagens (fotografias, cromos, fitas de vídeo, filmes) que constituíam o acervo do Museu da GM. Fernando Henrique Cardoso era reeleito para a Presidência da República.

Em janeiro de 2000, as enchentes que atingiram a cidade resultaram em reunião de representantes de 22 empresas na sede do Ciesp. Os empresários apontavam prejuízos de R\$ 2.447.000,00 e apresentavam uma lista de reivindicações, entre as quais a isenção de impostos, e obras para desassorear o leito do Ribeirão dos Meninos.

Em 2002, o Ciesp de São Caetano do Sul, em parceria com a Prefeitura e a General Motors do Brasil, criava a Câmara Ambiental da Indústria. A iniciativa, pioneira entre as

Diretorias Regionais, objetivava detectar os problemas ambientais e orientar as empresas a trabalharem com políticas de preservação. “A Câmara reúne poder público, empresas, população e ainda pode agregar órgãos como a Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental). Assim, em vez de atuar diretamente as fábricas por alguma irregularidade, a Cesteb poderá recorrer a esse fórum para que as modificações necessárias sejam feitas”, afirmava William Pesinato, diretor-titular da Ciesp de São Caetano para a publicação oficial do Fiesp-Ciesp. A General Motors foi escolhida para dividir sua experiência na coleta seletiva de lixo, gerenciamento de recursos químicos e treinamento de funcionários.

Em julho de 2002, o jornal do Ciesp-Fiesp dava destaque aos 45 anos de fundação da Diretoria Municipal São Caetano do Sul e mencionava como fatores positivos para a indústria na cidade a criação do Pólo Tecnológico da Cerâmica. E contabilizava “cerca de 400 indústrias”, a maioria de autopeças e metal-mecânicas, de pequeno e médio porte. Como fatores negativos para atrair indústrias para o município, apontava a exigüidade territorial e a valorização imobiliária. O contraponto era oferecido pela afirmação de que “o período de estagnação econômica ficou para trás” e enfatizava o fato de haver em São Caetano mão-de-obra qualificada fornecida, inclusive, pelas escolas do Senai. A mudança de estratégia da diretoria da Ciesp local, de tornar as pequenas empre-

sas menos onerosas e aparelhadas para competir, recebia elogios.

No mês de fevereiro de 2003, o Ciesp-São Caetano liderava empresas do Grande ABC e de Jundiaí para expandir negócios. O setor de autopeças formava consórcio de exportação com a ajuda do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) de São Bernardo do Campo, Casa do Mercosul e da Agência de Desenvolvimento do Grande ABC. Dez indústrias de pequeno e médio porte da região do ABC e de Jundiaí integravam a Associação Civil de Promoção à Exportação de Autopeças. William Pesinato, diretor do Ciesp em São Caetano do Sul ressaltava que “a divisão dos custos envolvidos na exportação de produtos, muito altos para serem investidos individualmente, é o principal benefício para os membros do grupo.”

A Revista da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo-Centro das Indústrias do Estado de São Paulo dava conta, no começo de 2004, que alunos do curso de Administração da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo, e da Escola de Engenharia Mauá, de São Caetano do Sul, desenvolveram um iogurte para suprir as necessidades alimentares de idosos e ajudar a prevenir as doenças mais comuns na terceira idade. Foi batizado como Nutralife. Os alunos buscavam empresas interessadas na transferência de tecnologia.

1957 2007
1957 2007

1957 1958 1959 1960 1961 1962 1963 1964 1965 1966 1967 1968 1969 1970 1971 1972 1973 1974 1975 1976 1977 1978 1979 1980 1981 1982 1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 1994 1995 1996 1997 1998 1999 2000 2001 2002 2003 2004 2005 2006

Documentos
Diretorias de 1957 a 2007

Gestão 1957



Delegado
Christóvam Miguel Sanches



Conselheiro
Albert Politi



Conselheiro
Antonio C. Guevara



Conselheiro
Augusto J. Zambelli



Conselheiro
Brasílio Rossetti



Conselheiro
Carmine Walter Barile



Conselheiro
Hermógenes W. Braido



Conselheiro
João L.P. Bonaparte



Conselheiro
João Sáfrány



Conselheiro
Jordano P.S. Vincenzi



Conselheiro
Jordano Ventura



Conselheiro
José Canteras Soriano



Conselheiro
Julio César Tindó



Conselheiro
Keigo Toyoda



Conselheiro
Kurt Metzner



Conselheiro
Mário Porfírio Rodrigues



Conselheiro
Matheus Constantino



Conselheior
Pedro Sukadolnik



Conselheiro
Reynaldo Rampazzo



Conselheiro
Rubens da C. Patrão



Conselheiro
Sebastião S. de Assis



Conselheiro
Urames P. dos Santos



Suplente
Anton Holger Wilhelmsen



Suplente
Lauro Garcia



Suplente
Miguel Scherk

Composição da Primeira Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – São Caetano do Sul, instalada em 29 de março de 1957

Cargo	Nome	Empresa
Delegado	Christóvam Miguel Sanches	Bebidas Dunga Ltda.
Vice-Delegado	Oswaldo Soares	Poliprint S/A
Conselheiro	Albert Politi	Indústria Têxtil Jolibert
Conselheiro	Antonio Caparrós Guevara	Calçados Floreal Ltda.
Conselheiro	Augusto José Zambelli	Metalúrgica Zaga
Conselheiro	Brasílio Rossetti	Cerâmica Ita-Brasil S/A
Conselheiro	Carmine Walter Barile	Metalúrgica Barile
Conselheiro	Hermógenes Walter Braido	Indústria Agro-Química Braido Ltda.
Conselheiro	João L.P. Bonaparte	Café Jambo Ltda.
Conselheiro	João Sáfrány	Metalúrgica Sáfrány Ltda.
Conselheiro	Jordano P.S. Vincenzi	Fábrica de Camisas Ivany
Conselheiro	Jordano Ventura	Jordano Ventura & Cia. Ltda.
Conselheiro	José Canteras Soriano	Produtos Alimentícios Glutelar
Conselheiro	Julio César Tindó	Ferro Enamel do Brasil Indústria e Comércio Ltda.
Conselheiro	Keigo Toyoda	S. Toyoda & Cia. Ltda.
Conselheiro	Kurt Metzner	Indústrias Santana
Conselheiro	Mário Porfírio Rodrigues	Produtos Alimentícios Nacionais S/A
Conselheiro	Matheus Constantino	Matheus Constantino & Cia. Ltda.
Conselheiro	Pedro Sukadolnik	Caldeiraria São Caetano S/A
Conselheiro	Reynaldo Rampazzo	Indústrias Aliberti S/A
Conselheiro	Rubens da Costa Patrão	Cerâmica Artística da Costa
Conselheiro	Sebastião Sampaio de Assis	Correntes São Caetano S/A
Conselheiro	Urames Pires dos Santos	Cerâmica São Caetano S/A
Suplente	Anton Holger Wilhelmsen	Willo S/A
Suplente	Lauro Garcia	Indústria de Botões São Caetano
Suplente	Miguel Scherk	Indústria de Móveis Santa Catarina

Fonte: Ciesp São Caetano

1957 2007

1957-1960

Delegado:

Christóvam Miguel
Sanches

Vice-delegado:

Oswaldo Soares

Conselheiros Titulares:

Albert Politi
Antonio Caparrós
Guevara
Augusto José Zambelli
Brasílio Rossetti
Carmine Walter Barile
Hermógenes Walter
Braidó
João L. P. Bonaparte
João Sáfrány
Jordano Ventura
Jordano Vincenzi
José Contreras Soriano
Júlio César Tandó
Keigo Toyoda
Kurt Mezer

Mário Porfírio Rodrigues
Matheus Constantino
Pedro Sukadolnik
Reynaldo Rampazzo
Rubens da Costa Patrão
Sebastião Sampaio de
Assis
Urames Pires dos Santos

Conselheiros

Suplentes:

Anton Holger Wilhelmsen
Lauro Garcia
Miguel Scherk

1961-1962

Delegado:

Christóvam Miguel
Sanches

Vice-delegado:

Jorge Strauss

Conselheiros Titulares:

Albert Politi
Alcides Klein
Alexandre Paiva
Antonio Caparrós
Guevara
Attilio Guido Dal'Secco
Augusto José Zambelli
Azor Correia
Brasílio Rossetti
Carmine Walter Barile
Dorival Arruda
Francisco Almansa
Franz Albert Beyerlein
Herbert Greener
João Dal'Mas
João Sáfrány
Jordano Ventura
Jordano Vincenzi
José da Rocha Ferreira
Filho

José Giotto
Keigo Toyoda
Lauro Novaes
Luís Rodrigues Neves
Manoel Pinto de Oliveira
Mário Porfírio Rodrigues
Matheus Constantino
Miguel Scherk
Nelson Adami
Nelusko Linguanotto
Pedro Sukadolnik
Raphael Saigh
Reynaldo Rampazzo
Sebastião Sampaio de
Assis
Sérgio de Martini
Walter Salim
Wilson Figueiredo

Conselheiros

Suplentes:

Argemiro Barros de
Araújo
José Contreras Sariano
Rubens da Costa Patrão

1957 2007

1963-1964

Delegado:

Christóvam Miguel
Sanches

Vice-delegado:

Jorge Strauss

Conselheiros Titulares:

Albert Politi
Alberto Aliberti
Antonio Caparrós
Guevara
Argemiro Barros de
Araújo
Bilac de Almeida Bianchi
Brasílio Rossetti
Carmine Walter Barile
Diniz Mendonça
Dorival Arruda
Felix Carvalho Jr.
Francisco Almansa
Humberto Fiori
João Dal'Mas
João Sáfrány

Jordano Ventura
Jordano Vincenzi
Keigo Toyoda
Luis Rodrigues Neves
Manoel Cardeña Lucas
Matheus Constantino
Miguel Scherk
Milton Andrade
Pedro Sukadolnik
Raul Raphael Saigh
Rômulo Borges
Sebastião Sampaio de
Assis
Urames Pires dos Santos
Vinicius de Carvalho
Wilson Figueiredo

Conselheiros

Suplentes:

Hermógenes Walter
Braido
José Giotto
Mário Porfírio Rodrigues

1965-1966

Delegado:

Christóvam Miguel
Sanches

Vice-delegado:

Jorge Strauss

Conselheiros Titulares

Albert Politi
Alfredo Reichstein
Argemiro Barros de
Araújo
Augusto José Zambelli
Bilac de Almeida Bianchi
Carmine Walter Barile
Diniz B. Mendonça
Gabriel Augusto Figueira
Humberto Fiori
João Dal'Mas
João Sáfrány
Jordano Ventura
José Higino Maragon
José S. R. C. Gonçalves
Keigo Toyoda

Luiz Carlos
Manoel Cardeña Lucas
Matheus Constantino
Miguel Scherk
Milton Andrade
Naur Ferraz de Matos
Oscar Vieira
Pedro Sukadolnik
Raul Raphael Saigh
Rodolfo Müller
Rômulo Borges
Sebastião Sampaio de
Assis
Shogo Kakumo
Urames Pires dos Santos
Valentim Leitão
Wilson Figueiredo

Conselheiros

Suplentes:

Hermógenes Walter
Braido
José Giotto
Luis Rodrigues Neves

1957 2007

1967-1969

Delegado:

Alfredo Reichstein

Vice-delegado:

Urames Pires dos Santos

Conselheiro Nato:

Christóvam Miguel
Sanches

Conselheiros Titulares:

Ademar Salgosa
Antonio A Ferraz
Antonio Caparrós
Guevara
Argemiro Barros de
Araújo
Augusto José Zambelli
Bilac de Almeida Bianchi
Carmine Walter Barile
Diniz B. Mendonça
Edgar Macif Saigh
Edward Nahkur
Gabriel Augusto Figueira

João Dal'Mas

João Sáfrány

Jordano Ventura

José Benedito Ramos
Prado

José Higino Marangon

Keigo Toyoda

Manoel Cardeña Lucas

Matheus Constantino

Miguel Scherk

Milton Andrade

Narciso Dario

Oscar Vieira

Rodolfo Müller

Shogo Kakumo

Waldemar de Santis

Walter Abati

Conselheiros**Suplentes:**

Hermógenes Walter
Braido
José Giotto

1970-1972

Delegado:

Alfredo Reichstein

Vice-delegado:

Manoel Cardeña Lucas

Conselheiros Titulares:

Antonio Caparrós
Guevara
Argemiro Barros de
Araújo
Augusto José Zambelli
Carmine Walter Barile
Diniz B. Mendonça
Edward Nahkur
Esmeraldo Domingues
dos Santos
Germano Agostini
Hermógenes Walter
Braido
Isaac Bererin

João Sáfrány

José B.R. Prado

José Higino Marangon

Keigo Toyoda

Luiz Zanardo

Mário Naccache

Matheus Constantino

Miguel Scherk

Moacyr Bastos dos
Santos

Oscar Vieira

Péricles Arcuri Gastaldo

Sami Cury

Urames Pires dos Santos

Waldemar de Santis

Conselheiros**Suplentes:**

Bilac de Almeida Bianchi
Fernando Marinotti

1972-1974

Delegado:
Aguinaldo Pettenazzi

Vice-delegado:
Manoel Cardeña Lucas

Conselheiros Titulares:
Ademar Sagosa
Alexandre Luiz Salemmi
Alfredo Reichstein
Antonio Caparrós
Guevara
Carmine Walter Barile
Celestino Buzo
Christóvam Miguel
Sanches
Clodomiro Sant'Ana
Edward Nahkur
Felipe José Vicente A.
Franceschine

Gélio Maximiliano Gozo
Germano Agostini
Hermano Pini Filho
Hermógenes Walter
Braido
João Sáfrány
José Higinio Marangon
José Ricardo Sukadolnik
Keigo Toyoda
Luiz Zanardo
Miguel Scherk
Oscar Vieira
Ronaldo Sarto
Seihei Comessu
Waldemar de Santis

Conselheiros Suplentes:
Bilac de Almeida Bianchi
Fernando Marinotti

1974-1977

Delegado:
Manoel Cardeña Lucas

Vice-delegado:
José Ricardo Sukadolnik

Conselheiros Natos:
Aguinaldo Pettenazzi
Alfredo Reichstein
Conselheiros Titulares:
Adriano Montanari
Alexandre Luís Salemmi
Antonio Augusto da Silva
Antonio Gallego
Carmine Walter Barile
Célio Fernando Zanetti
Dino Silvano Tintori
Felipe José Vicente A.
Franceschine
Fernando Augusto Lopes
Flávio Pedro Bedinelli
Germano Agostini
João G. Resch
José Fernando Zaccas
José Higinio Marangon

Keigo Toyoda
Luiz Miotello
Nelusco Linguanotto Jr.
Plínio Gastaldo
Renato Pimenta Furtado
Sílvio Roberto Daidone
Valentino Chiea
Walter Salvi

Conselheiros Suplentes:
Ademar Sagosa
Antonio Franzago
Antonio Irineu Barile
Antonio Ribas
Concetto Constantino
Ettore Dal'Mas
Francisco Canzi
Gildo Uliana
Jean Lieutaud
João Campagnari
Luiz Razzante
Naur Ferraz de Matos
Pedro Sukadolnik
Shogo Kakumo

1957 2007

1977-1980

Diretor:

Ronaldo Sarto

Diretor-adjunto:

Edward Nahkur

Conselheiros Natos:

Aguinaldo Pettenazzi

José Ricardo Sukadolnik

Conselheiros Titulares:

Antonio Gallego

Antonio Luiz Varani

Arnaldo Pavezi

Célio Fernando Zanetti

Dino Silvano Tintori

Germano D'Agostini

João Sáfrány

Jorge Massad

José Fernando Zaccas

Keigo Toyoda

Odair Augusto de Souza Campos

Perivaldo dos Santos

Victoriano O. G. Garcia

Waldemari de Santis

Conselheiros

Suplentes:

Antonio

Franzago Carmine Walter Barile

Franco Romano Nobili

João Campagnari

Joaquim Jorge

Luiz Garletti

Paulo César Abrantes de Aguiar

Walter Sclavi

1980-1983

Diretor:

Ronaldo Sarto

Diretor-adjunto:

Edward Nahkur

Conselheiros Natos:

Aguinaldo Pettenazzi

José Ricardo Sukadolnik

Conselheiros Titulares:

Achilles da Cruz Filho

Antonio Laefort Filho

Arnaldo Pavesi

Cláudio Prieto

Dino Silvano Tintori

Ettore Dal'Mas

Francisco Lotufo Filho

Franco Romano Nobili

Germano D'Agostini

João Sáfrány

Jorge Massad

José Macrino de

Carvalho

Keigo Toyoda

Levi Toledo

Luiz Pinaffi

Nelson Trauzzola

Paulo César Abrantes de Aguiar

Péricles Arcuri Gastaldo

Ricardo Sulaender

Roberto Grandi

Romano Battaglia

Victoriano Orlando

Gonzáles Garcia

Waldemar de Santis

Winifred Allegrette

Conselheiros

Suplentes:

Agenor Reis Marques Filho

Antonio Franzago

Eduardo Bolognesi

Francisco Augusto Lopes

João Campagnari

João Racz

Mário Rodrigues

Nelusco Linguanotto

Pedro Vicente Genga

1957 2007

1983-1986

Diretor:

Péricles Arcuri Gastaldo

Diretor-adjunto:

Antonio Laefort Filho

Conselheiros Titulares:

Achilles da Cruz Filho

Arnaldo Pavesi

Cláudio Prieto

Dino Silvano Tintori

Eduardo Bolognesi

Ernesto Cortas

Ettore Dal'Mas

Francisco Lotufo Filho

Gildo Uliana

Irineu Gastaldo

João Racz

João Sáfrány

Juvenal Francisco

Cianfarani

Keigo Toyoda

Levi Toledo

Mauro Martins

Nelson Trauzzola

Nicolino Maselli

Valter Luís Ramos Licatti

Winifred Allegrette

Conselheiros

Suplentes:

Antonio Franzago

Arnaldo Razwante

Carlos Norberto Loureiro

Francisco Augusto Lopes

Francisco Cabrera

Fernandes

Israel da Costa

José das Neves Teixeira

Nelusco Linguanotto

Pedro Vicente Genga

Valdir Soldera Pecora

1986-1989

Diretor:

Péricles Arcuri Gastaldo

Diretores-adjuntos:

Antonio Laefort Filho

Juvenal Francisco

Cianfarani

Conselheiros Titulares:

Antonio Peres Filho

Arnaldo Pavesi

Concetto Constantino

Euclides Jordão

Franco Romano Nobili

Helena Alegretti

Irineu Gastaldo

José Ramos Nicatti

José Roberto Chiea

Juan Morales Egea

Keigo Toyoda

Levi Toledo

Mauro Martins

Nelson Trauzzola

Pedro Vicente Genga

Ricardo Campos Jordão

Tiziano Franzado

Valdir Soldera Pecora

Wilson Furlan

Wilson Roberto Codogno

Conselheiros

Suplentes:

Cláudio Prieto

Dino Silvano Tintori

Eduardo Bolognesi

Ettore Dal'Mas

Fernando Augusto Lopes

Francisco Cabrera

Fernandes

Gildo Uliana

Israel da Costa

João Racz

José Brabo Munhoz

José das Neves Teixeira

Nicolino Masalli

1989-1992

Diretor-titular :
Péricles Arcuri Gastaldo

Diretores:
Juvenal Francisco
Cianfarani
Mauro Martins

Conselheiros Titulares:
Aderbal Ronzani
Antonio Laefort Filho

Antonio Peres Filho
Arnaldo Pavesi
Job José Tavares
José Roberto Chiea
José Roberto Ramos
Licati
Keigo Toyoda
Ricardo Campos Jordão
Silvio Roberto Daidone
Tarcísio Goulart Lopes
Valdir Soldera Pecora

1992-1995

Diretor-titular :
Péricles Arcuri Gastaldo

Diretores:
José Ricardo Sukadolnik
José Roberto Chiea

Conselheiros Titulares:
Antonio Laefort Filho
Carlos Alberto Ferreira
Edson Ferreira de
Oliveira

Eduardo Alberto Nahkur
João Eduardo Galvão
Leal
Jordano Ventura
Leonardo de Campos
Neto
Marco Antonio Felix
Nasrallah Mohammad
Rahal
Valdir Soldera Pecora

1957 2007

1995-1998

Diretor-titular :
José Ricardo Sukadolnik

Diretores-adjuntos:
Cláudio Musumeci
José Roberto Chiea

Conselheiros Titulares:

Antonio Laefort Filho
Edson Ferreira de
Oliveira
Eduardo Alberto Nahkur
Eiki Shimabukuro
Irineu Gastaldo
João Eduardo Galvão
Leal
Júlio César de Souza
Lima
Levi Fornasieri
Manoel Nunes Rosa
Marco Antonio Felix
Mauricio Soares da Silva

Norberto Malerba
Reginaldo José Ferreira
Reinaldo Wosniak
Ricardo Campos Jordão
Tarcísio Goulart Lopes
Valdir Soldera Pecora
William Pesinato

Conselheiros

Suplentes:

Antonio Peres Filho
Carlos Henrique Batista
Sevciuc
Géssio Oliveira
Nassrallah Mohammad
Rahal
Paulo Roberto Cazella
Pedro Vieira Filho
Sérgio Fernando da Silva
Ribeiro
Tacízio Aparecido
Dal'Mas da Rocha Paes

1998-2001

Diretor-titular :
William Pesinato

Diretores-adjuntos:
Cláudio Musumeci
Paulo Roberto Cazella

Conselheiros Titulares:

Antonio Peres Filho
Denize Zia
Eduardo Alberto Nahkur
Eiki Shimabukuro
Géssio Oliveira
João Eduardo Galvão
Leal
Júlio César de Souza
Lima
Levi Fornasieri
Manoel Nunes Rosa
Maurício Soares da Silva
Mirian Garbelotto

Zangirolami
Norberto Malerba
Pedro Vieira Filho
Péricles Arcuri Gastaldo
Reinaldo Wosniak
Ricardo Campos Jordão
Tarcízio Waldemar de
Souza
Valdir Soldera Pecora

Conselheiros

Suplentes:

Antonio Carlos Laranjeira
Eduardo Braga
Fábio Paulino
Gilberto Gomes da Silva
Irineu Gastaldo
José Carlos Dias Reis
José Ricardo Sukadolnik
Nelson Antonio Braido
Sandro Squadroni

2001-2004

Diretor-titular :
William Pesinato

Diretores-adjuntos:
Cláudio Musumeci
Paulo Roberto Cazella

Conselheiros Titulares:
Antonio Carlos Laranjeira
Antonio Peres Filho
Celso Luiz Cícero
Gilberto Gomes da Silva
José Carlos Dias Reis
José Ricardo Sukadolnik
Luís Antonio Marzano
Barile
Maurício Soares da Silva

Reinaldo Wosniak
Sérgio Fernando da Silva
Ribeiro
Tarcízio Waldemar de
Souza
Valdir Soldera Pecora

**Conselheiros
Suplentes:**
Eduardo Braga
Eiki Shimabukuro
João Eduardo Galvão
Leal
José Rodrigues
Júlio César de Souza
Lima
Paulo C. Matavelli

2004-2007

Diretor Titular:
Claudio Musumeci

Diretores Adjuntos:
William Pesinato
Antonio Peres Filho

Conselheiros Titulares:
Antonio Carlos Freitas
Laranjeiras
Celso Cícero
Eduardo Alberto Nahkur
Géssio Oliveira
Gilberto Gomes de Souza
José Ricardo Sukadolnik
Júlio César de Souza
Lima
Maurício Soares da Silva
Milton Francisco da Silva
Paulo C. Matavelli

Paulo Roberto Cazella
Reinaldo Wosniak
Antonio Carlos Ramos
Tarcízio Waldemar de
Souza
Sérgio Fernando da Silva
Ribeiro
Ulisses C. Oliveira
Eduardo Antonio
Salmazo

**Conselheiros
Suplentes:**
Luiz Roberto de Pádua
Homero Augusto Galacini
Vilson Lopes
Fernando Trincado Simon
Ivany Martins Sanches
José Carlos Dias Reis
Nelson A. Braido

1957 2007

Composição da atual Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – São Caetano do Sul, empossada em 1º de março de 2005.

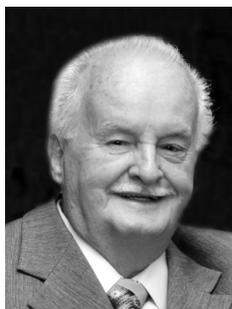
Cargo	Nome	Empresa
Diretor-titular	Cláudio Musumeci	Diamante Têmpera de Vidros Ltda.
Diretor-adjunto	William Pesinato	Fábrica de Artefatos Metalúrgicos Ita Ltda.
Diretor-adjunto	Antonio Peres Filho	Industria Metalúrgica Serep Ltda.
Conselheiro	Antonio Carlos Freitas Laranjeira	Com. Ind. de Autopeças Ciap Ltda
Conselheiro	Antonio Carlos Ramos	General Motors do Brasil Ltda.
Conselheiro	Celso Luiz Cícero	Rácz Indústria Metalúrgica Ltda.
Conselheiro	Eduardo Alberto Nahkur	Argal Química Ind. Com. Ltda.
Conselheiro	Eduardo Antonio Salmazo	Ind. Metalúrgica Salmazo Ltda.
Conselheiro	Géssio de Oliveira	Mest Medicina e Segurança do Trabalho Ltda.
Conselheiro	Gilberto Gomes de Souza	Sindigraf Ind. Gráfica Ltda.
Conselheiro	Homero Augusto Galacini	H Lam. Ind. Comércio Ltda.
Conselheiro	Ivany Martins Sanches	Christovam Miguel Sanches EPP
Conselheiro	José Carlos Dias Reis	Engefood Equipamentos Eng. e Repres. Ltda.
Conselheiro	José Ricardo Sukadolnik	Calderaria São Caetano Ind. Mecânicas Ltda.
Conselheiro	Júlio César de Souza Lima	Fármaco Farmácia de Manipulação Ltda.
Conselheiro	Luiz Roberto de Pádua	Contemp Ind. Com. E Servilos Ltda.
Conselheiro	Maurício Soares da Silva	Aquarius Usinagem e Estampagem Ltda.
Conselheiro	Milton Francisco da Silva	Fit Graphics Gráfica e Editora Ltda.
Conselheiro	Nelson Antonio Braidó	Ind. Agro-Química Braidó Ltda.
Conselheiro	Paulo C. Matavelli	Cardeal Ind. Com. de Alimentos Ltda.
Conselheiro	Paulo Roberto Cazella	Olking Automotriz Ltda.
Conselheiro	Reinaldo Wosniak	Ápice Artes Gráficas Ltda.
Conselheiro	Sérgio Fernando da Silva Ribeiro	Unionrebit Ind.Com.de Artefatos de Metal Ltda.
Conselheiro	Tarcizio Waldemar de Souza	Soumetal Ind. Mecânica Ltda.
Conselheiro	Ulisses C. Oliveira	Serthi Hidráulica Ltda.
Conselheiro	Vilson Lopes	Metalúrgica Luviar Ltda.

Fonte: Ciesp São Caetano

Testemunhos



Vista panorâmica de São Caetano em 1948.
Foto tirada do Edifício Fortaleza, na esquina das Ruas Santa Catarina e João Pessoa,
com destaque para o prédio do Cine Max, à direita.



Christóvam Sanches: esforço valeu a pena

“Valeu a pena! Em grande, a delegacia preencheu as finalidades para as quais foi articulada. O Ciesp-São Caetano destacou-se até pelo próprio peso da cidade”- afirma Christóvam Miguel Sanches, primeiro delegado e que permaneceu à frente da entidade entre 1957 e 1966. Nascido em Novais (próximo a Catanduva, no Estado de São Paulo), filho de espanhóis que emigraram em 1906, chegou a São Caetano em 1943. “Já conhecia o Ciesp antes de chegar aqui – explica -. Nos anos 40, eu trabalhava numa indústria alimentícia em São Paulo. Primeiro, a sede do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo ficava na rua XV de Novembro, 228. Depois, nos anos 40, mudou-se para o Viaduto Maria Paulina, para o Palácio Mauá, brinde do governador Lucas Nogueira Garcez”.

Lembra que ingressou no Rotary Clube de São Caetano, juntamente com Keigo Toyoda, em 1953. Por ter relacionamento com diversas entidades, ocupou cargo na Comissão de Serviços Profissionais do clube.

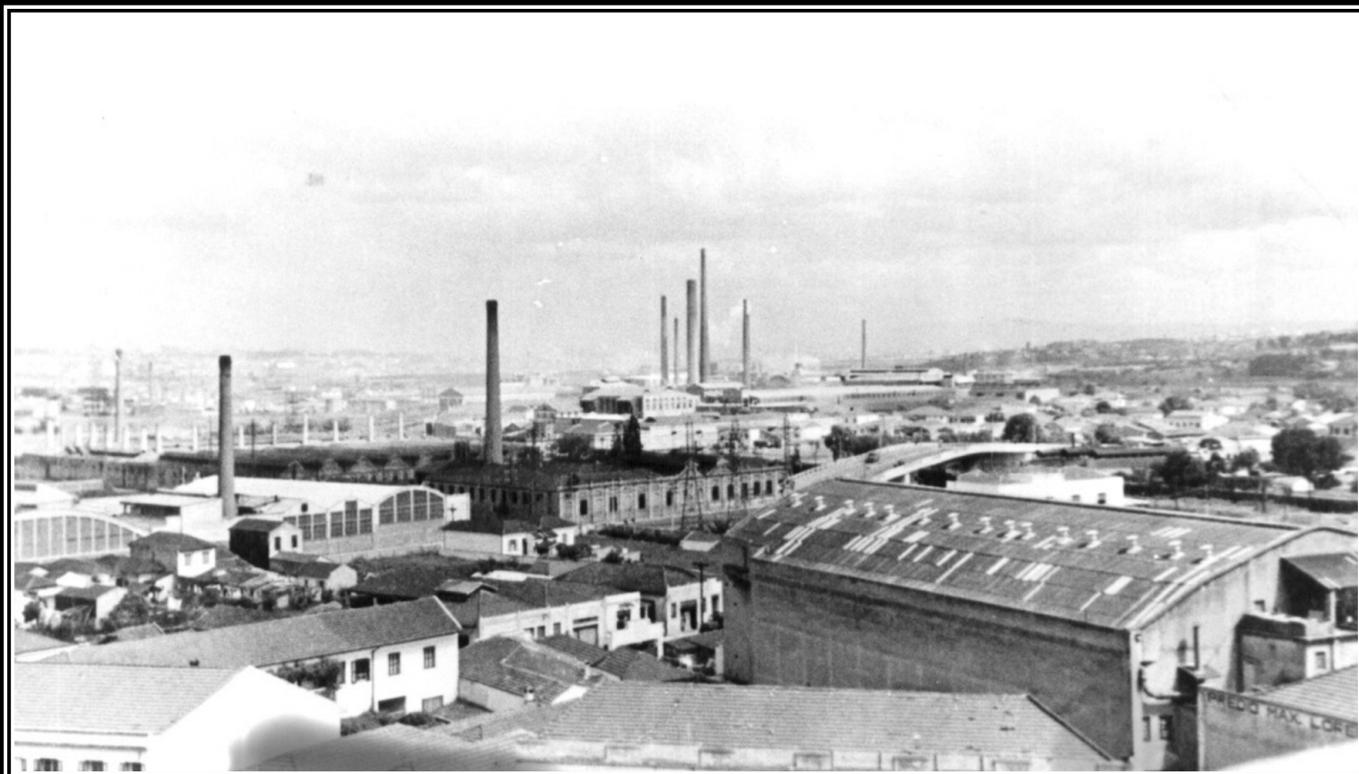
Diversos dos conselheiros integrantes da primeira Delegacia do Ciesp na cidade eram rotarianos: Urames Pires dos Santos, Antonio Caparrós Guevara, Sebastião Sampaio de Assis, Mário Porfírio Rodrigues, Carmine Walter Barile e Jordano Vincenzi. Segundo Christóvam Miguel Sanches, os rotarianos e homens de negócio pediram para outros industriais engrossarem o movimento através do qual solicitavam a criação de uma delegacia da entidade industrial em São Caetano. “Antonio Devisate, presidente do Ciesp, aprovou. Instalamos a delegacia na rua Santa Catarina, 55, 7º andar. Primeiro, eram duas salas. Depois, obtivemos mais duas. Trouxemos muita coisa para São Caetano. Quer um exemplo? A ligação com São Paulo, através da Avenida Almirante Delamare, não tinha luz e o calçamento era precário. Oficiamos ao prefeito de São Paulo, Francisco Prestes Maia, para que pusesse iluminação; fomos atendidos rapidamente”.

Aspecto importante, no entender do primeiro delegado do Ciesp, foi a criação de

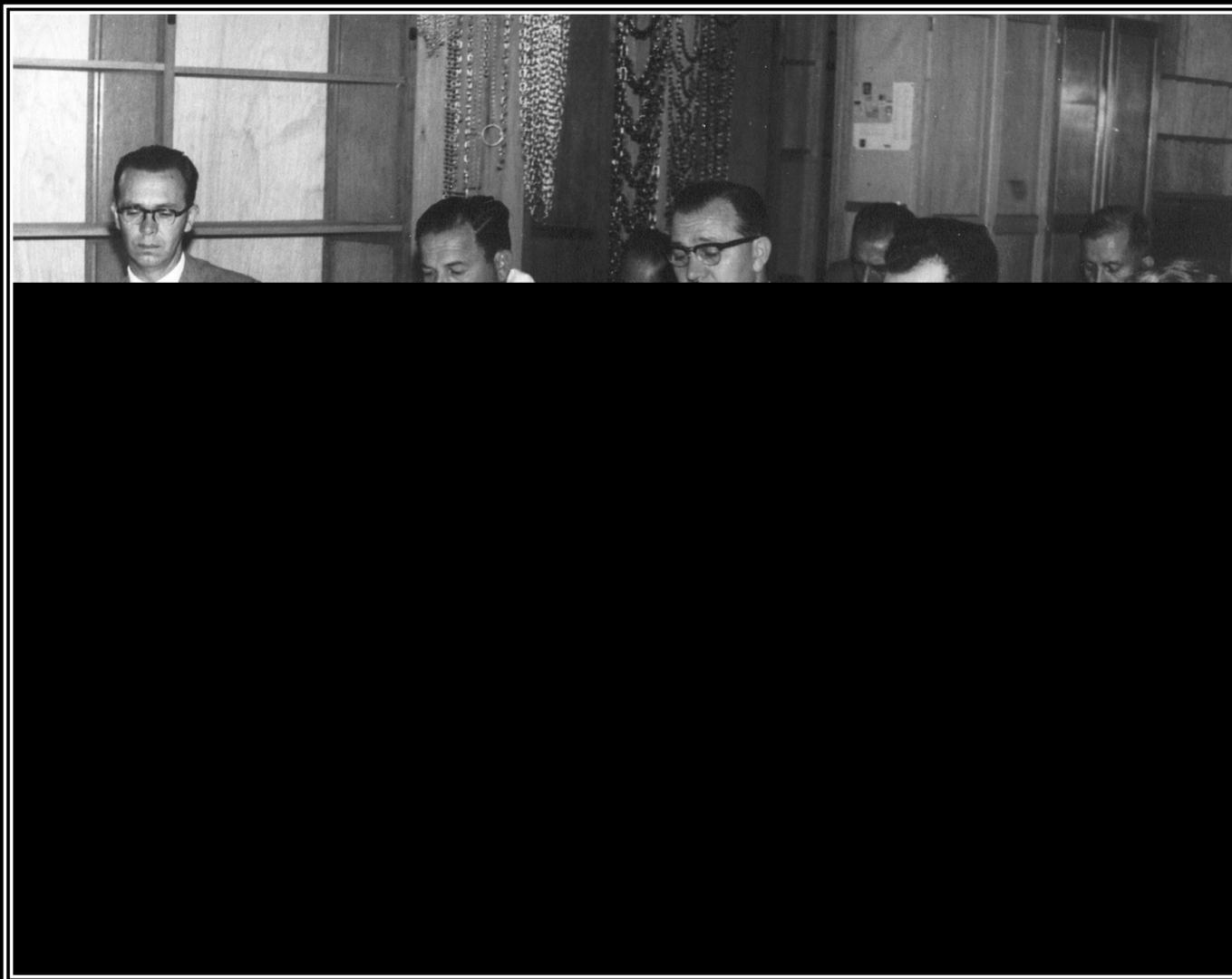
assessoria para as quase 350 indústrias da cidade: “Claro, havia as gigantes; mas a maioria era de pequenas e médias empresas que não tinham condições de ter corpo jurídico próprio. O advogado Haroldo dos Santos Abreu, de Santo André, que já assessorava a entidade em São Paulo, passou a auxiliar as empresas em São Caetano também.”

Em 1957, eram 27 conselheiros (entre delegado e vice e os três suplentes) que representavam número igual de indústrias instaladas na cidade. Meio século depois, apenas quatro empresas estão instaladas no município: a Indústria Agro-Química Braidó Ltda., a Metalúrgica Barile, os Produtos Alimentícios Nacionais S/A (conhecida pela sigla PAN) e a Matheus Constantino & Cia. Ltda., que funciona sob o nome de Ita-Fame. A Indústria Nacional do Aço (Inasa) que o sucessor de Sanches, Alfredo Reichstein, representava também deixou de existir.

“Muitas indústrias fecharam – lembra -, como é o caso das Tintas Ideal, da Aços Villares, da Tecelagem Nice; outras foram embora, por exemplo, a ZF e a Brasinca. A cidade encolheu em número de indústrias, se compararmos com a metade dos anos 60”, frisa o ex-presidente da Comissão de Festejos do 83º aniversário de fundação da cidade e ex-filiado à União Democrática Nacional (UDN). “A indústria automobilística para o ABC, a curto prazo, foi muito boa: matou a fome de muita gente. A longo prazo, no entanto, mostra outra face. Vivíamos uma época de euforia, sim, sob o governo de Juscelino Kubitschek, mas me parece que era mais euforia do que concretizações”, observa. Sanches rememora, também, o relacionamento que manteve com os prefeitos Oswaldo Samuel Massei, Anacleto Campanella e Walter Braidó



Começo dos anos 50:
vista panorâmica de São Caetano entre a Avenida Goiás e a Rua João Pessoa.
À direita, instalações da Usina Colombina e galpões da Anderson Clayton e,
ao centro, o Moinho Santa Clara.



Flagrante de outro momento da XIII Convenção dos Industriais do Interior. Na imagem, conselheiros da Delegacia do Ciesp de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: Sebastião Sampaio de Assis, Pedro Sukadolnik, João Sáfrány, Manoel Cardeña Lucas e Matheus Constantino.



Braido: é preciso manter a qualidade de vida

Prefeito de São Caetano do Sul por três vezes, num total de 14 anos de mandato, vereador e deputado estadual, o empresário Walter Braido representava, em 1957, a indústria familiar como fundador da Delegacia do Ciesp na cidade. Afirma recordar-se das dificuldades que a cidade enfrentava antes e logo depois da autonomia político-administrativa e sublinha a importância de os pequenos e médios empresários terem buscado a união para melhor alicerçar as atividades que desenvolviam e lutar por benefícios para o Município. "Foi uma época de grandes problemas, porque éramos um distrito industrializado, uma terra de trabalhadores esquecida pelas autoridades da cidade de que nos tornamos independentes. Foram necessárias quase três décadas, e muito esforço conjunto, para que a infra-estrutura pudesse ser implantada e São Caetano começasse a colher os frutos de seu próprio labor", comenta.

Braido observa que havia jovens entusiastas e idealistas em número suficiente

para encampar a idéia de que seria preciso caminhar com autonomia inclusive em relação à matriz do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, a fim de resolver as dificuldades com que a cidade recém-criada se defrontava. "Para São Caetano, a comunhão de forças de pequenos e médios empresários representou um benefício interessante, porque reforçou, na prática, a idéia de que éramos capazes de gerir o nosso destino com responsabilidade e que tínhamos condição de construir uma cidade-modelo", lembra.

Já no começo dos anos 60, recorda que começou a envolver-se também na vida política de São Caetano e, assim, teve oportunidade de avaliar inclusive sob outra óptica o papel que as entidades de classe, sindicatos e organizações sociais desempenhavam na cidade. "A soma de atividades dos diversos atores sociais da época teve papel de peso para afirmar a nossa identidade. Houve insistência para a solução de graves problemas, como o do abastecimento de água na cidade e nos municípios vizinhos, mas a ver-

dade é que também tivemos lideranças políticas, aqui e no âmbito estadual, que foram capazes de compreender não somente a missão que o mandato lhes outorgava mas também o peso que o ABC e, particularmente, São Caetano representava", rememora.

Retirou-se há alguns anos das atividades políticas, argumenta, mas continua acompanhando de perto os fatos e mostra-se preocupado o cenário socioeconômico a médio e longo prazos. "De modo geral, o desenvolvimento da região acabou sendo construído sobre as bases das montadoras de automóveis. O efeito positivo verificou-se nos anos 60 e 70, mas as sucessivas crises econômicas que o País experimentou castigaram o ABC. São Caetano, por ser uma cidade de pequenas dimensões territoriais, precisa conter o crescimento populacional para que não ocorra a falência da infra-estru-

tura existente e, ao mesmo tempo, incentivar a permanência das empresas aqui radicadas. Não podemos correr o risco de transformarmos em cidade-dormitório a longo prazo. Não basta assegurar boa qualidade de vida às gerações existentes; é preciso pensar nas gerações futuras em termos de escolarização e saúde, é claro, e, acima de tudo, com respeito às oportunidades de trabalho. Também é necessário pensar que a estabilidade econômico-financeira que o País vive somente trará benefícios a longo prazo, se conseguirmos manter as fontes de receita da cidade garantidas. Se possível, intactas, ou até mesmo multiplicadas, o que não será uma tarefa fácil ou simples dentro de uma conjuntura de competitividade internacional e disputas regionais para atrair empreendimentos economicamente viáveis e rentáveis", completa.



Conselheiros da Delegacia do Ciesp de São Caetano durante visita à exposição de trabalhos dos alunos do Sesi, por ocasião do encerramento do ano letivo de 1958. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Matheus Constantino, Antonio Caparrós Guevara e Christóvam Miguel Sanches (delegado da entidade). Em segundo plano, da esquerda para a direita: Júlio César Tindó, Jordano Pedro Segundo Vincenzi, Sebastião Sampaio de Assis, Thomaz Pirozzi Netto, Miguel Scherk, Anton Holger Wilhensen e Keigo Toyoda.



Flagrante de outro momento da visita de conselheiros do Ciesp ao Sesi no encerramento do ano letivo de 1958. Da esquerda para a direita: Anton Holger Wilhensen, Rubens da Costa Patrão, professora do Sesi (?), Sebastião Sampaio de Assis e Matheus Constantino.



Rodrigues: dificuldades forjaram a criação

“Só queríamos ser uma cidade decente, com água, esgoto, um hospital e um jardim decentes. Basicamente, éramos uma cidade de trabalhadores. Não dava para imaginar que seríamos os líderes em Índice de Desenvolvimento Humano no País”. A afirmação é de Mário Porfírio Rodrigues, protagonista ativo e considerado um dos dínamos do movimento autonomista da cidade na segunda metade dos anos 40 do século passado. “Criado o Município, todos os olhos voltaram-se para São Caetano; antes, tudo era concentrado em Santo André”, observa. Mas a independência político-administrativa resultou na fundação do Rotary Clube, de outras organizações, na implantação de algumas indústrias.

“São Caetano dependia em tudo de Santo André. Com as indústrias era algo similar. Quem atendia era um advogado que representava a Federação das Indústrias do Estado, Haroldo dos Santos Abreu. Dentro do Rotary recém-fundado as conversas giravam em torno deste assunto”, rememora.

Christóvam Miguel Sanches foi nomeado presidente da Comissão de Serviços Profissionais dentro do Rotary-São Caetano, em 1955, quando o clube era presidido por Manoel Gutierrez Duran. Além de visitar as indústrias da cidade, o dirigente da comissão desejava fundar na cidade uma delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Herbert Arruda Pereira, diretor do Departamento do Interior da Fiesp/Ciesp e o presidente, Antonio Devisate, por exemplo, eram rotarianos também. Duran e Sanches enviaram um ofício à federação, mas demorou dois anos até que a delegacia do Ciesp fosse instalada. “Houve facilidade na conversa Com a política, veio o Rotary, e com o Rotary, o Ciesp. Conseqüência uma da outra”, explica Rodrigues. Lembra, ainda, que os ex-prefeitos Ângelo Raphael Pellegrino, Anacleto Campanella e Oswaldo Samuel Massei eram rotarianos; o engenheiro Urames Pires dos Santos e outro conselheiro do Ciesp local, Concetto Constantino, eram vereadores, e Antonio Caparróz Guevara e

Matheus Constantino eram líderes ativos da Maçonaria em São Caetano. “Naquele tempo, havia respeito, trabalho conjunto de vários segmentos da sociedade e cooperação íntima entre os poderes constituídos, sempre em benefício da cidade. Havia comunhão de pontos de vista”, destaca. Foram onze rotarianos na primeira diretoria do Ciesp-São Caetano e nove, na segunda, contabiliza.

“Particularmente, eu esperava mais. Nós éramos uma delegacia. Eu esperava que houvesse atenção maior com as indústrias de São Caetano. A cidade era um parque industrial muito forte. A General Motors não participou da fundação do Ciesp. A Cerâmica São Caetano indicou um engenheiro, Urames Pires dos Santos, para representá-la. Deveria ter sido um dos executivos da empresa. As grandes corporações não deram a devida importância. A autonomia ainda não havia tido efeito. Os interessados eram os pequenos e médios industriais e que, coincidentemente (sic), eram da cidade. As Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo também não ingressaram no Ciesp-São Caetano. Tratavam das coisas lá em cima, em São Paulo”, pondera.

Rodrigues lembra que a indústria passa por uma grande revolução, uma transformação cujos desdobramentos não podem ser previstos com exatidão. “Não sei como será daqui para frente. Mas, na situação atual, não vejo como a cidade possa perder mais indústrias. A questão ambiental foi resolvida; não há riscos sérios de confrontos com os sindicatos. O parque atual pode ser diminuído face à absorção de novas

tecnologias”, explica.

Inicialmente, ajudante de carpinteiro na Rayon Matarazzo – fato que salienta com a mesma ponta de orgulho com que lembra a origem humilde, ou seja, que aos nove e dez anos vendia balas no cinema -, acabou fundando o Jornal de S. Caetano (com Walter Thomé e Luiz Rodrigues Alves) que desempenhou papel fundamental no movimento autonomista. Recorda que “até os deputados demagogos da época, antes de sermos independentes, diziam que seríamos um pedaço da Suíça no Brasil”. Mas contrapõe, de imediato: “Nós nunca pensamos assim. Éramos operários. Entre os fundados do Ciesp só havia trabalhadores que melhoraram com aquilo que faziam e transformaram-se em pequenos industriais”.

Temas dominantes nas reuniões iniciais do Ciesp-São Caetano? Impostos, impostos, Imposto sobre Circulação de Mercadorias, baixar os impostos. “Há meio século, o tema dominante já era a sobrecarga tributária”, salienta. Os dirigentes da delegacia local participavam, de modo ativo, dos encontros promovidos no Estado pelo Centro das Indústrias do Estado de São Paulo.

Era um tempo em que a delegacia de São Caetano não tinha advogado na cidade, e outro tema dominante era o auxílio que a Fiesp poderia estender à cidade, com assessoramento ou coisa similar. Era um tempo em que as Indústrias Matarazzo eram o maior empregador do Município, a General Motors, a segunda e a Cerâmica São Caetano, a terceira. Era um tempo de simpósios sobre especialização de mão-de-

obra, co-patrocínados pela delegacia local e um tempo de visitas do Juizado dos Menores a empresas, porque havia problema em empregar menores de 14 anos. Como dirigente da Pan, Mário Porfírio Rodrigues lembra de ter recebido similares visitas.

Era um tempo em que se tornava necessário dobrar três ou quatro vezes a barra da calça para sujar apenas os sapatos na lama e chegar ao cinema, porque não havia pavimentação nas ruas de São Caetano. Um tempo em que, depois da primeira eleição realizada ao final do governo inicial de Getúlio Vargas (1945), apareceram guias, sarjetas e paralelepípedos nas ruas da cidade, porém, terminado o pleito, um caminhão levou tudo embora e as ruas continuaram sendo de terra.

“O Ciesp foi fundado ainda num panorama de dificuldades. Não havia esgoto. Baldes com dejetos eram enterrados nos quintais. Bebia-se água de poço. Esse quadro foi um dos maiores motores do movimento autonomista. Inclusive, para conseguir comprovar o total de impostos coletados na cidade, Luiz Rodrigues Neves obteve emprestado o documento do coletor da Prefeitura de Santo André por uma hora. E pediu para o fotógrafo Jacinto Rodrigues tirar as fotos. Clodomiro Gusmão Rocco, o coletor de impostos, acabou sendo transferido para Paranapiacaba. Mas essas fotografias comprovaram, no processo que foi para a Assembléia Legislativa do Estado, que

tínhamos capacidade de manter a cidade. José Del Chiaro, coletor federal e amigo do deputado Cunha Bueno, era quem nos orientava”, relembra Rodrigues ao mostrar que os poucos anos decorridos da proclamação da autonomia política-administrativa não haviam sido suficientes para remover os grandes obstáculos que o novo município enfrentava.

Como era São Caetano em 1957? Uma cidade sem rede de esgotos. Bebia-se água de poço. Sem calçamento nas ruas. Uma cidade sem hospital. O principal transporte coletivo era o trem que percorria a linha entre Santos e Jundiaí. Menos de dez por cento das ruas eram dotadas de iluminação pública. Escolas? O Senador Flaquer, o chamado Segundo Grupo (o Bartolomeu Bueno da Silva, atual) e o Grupo Escolar da Cerâmica. A passagem de ônibus para São Paulo era “muito cara”, explica Rodrigues que, em seguida, sublinha: “São Caetano era uma cidade essencialmente operária”. Era preciso tomar os ônibus para São Paulo na Avenida Goiás. “Acho que a situação em que vivíamos na época exigiu que a delegacia do Ciesp fosse criada. Sempre fomos dependentes de Santo André e qualquer coisa que mostrasse a independência ajudaria a consolidar a autonomia. Fiquei muito contente quando a delegacia acabou sendo instalada, e estou muito feliz ao vê-la completar cinqüenta anos, sempre desempenhando o papel para o qual foi fundado”, afirma.



Década de 60: panorama aéreo da fábrica da Confab-Ibesa, no Bairro Prosperidade.
A Confab iniciou atividades na cidade em 16 de abril de 1942.



Santos: Ciesp mudou a História a partir de 1958

Urames Pires dos Santos começou a trabalhar em São Caetano em 1945 como engenheiro. Acabou participando do Jornal de S. Caetano e foi vereador em duas legislaturas sucessivas, entre 1953 e 1961. Foi presidente do Rotary Clube da cidade na oportunidade em que se articulava a fundação da Delegacia do Centro das Indústrias. “Houve necessidade de comunicarmos-nos com todos os industriais, desde os pequenos até os maiores, em torno de um objetivo comum e o principal objetivo foi, naturalmente, a criação da Companhia Telefônica da Borda do Campo - o problema telefônico era muito grave, o problema de transportes era mais grave ainda, a ligação com São Paulo muito difícil. Então, a Ciesp na ocasião teve uma importância muito grande”, avalia.

“O Ciesp mudou a História de São Caetano do Sul praticamente a partir de 1958”, assegura, observando que a instalação da entidade um ano antes e quase nove anos após a autonomia representou o fim de uma

situação em que as indústrias da cidade “trabalhavam cada uma para si, sem haver entrosamento entre os objetivos comuns a todas elas”. Destaca que a necessidade de obter as conquistas modernas da época acabaram centralizando a ação comum para a solução dos problemas. “Considero a criação da Delegacia do Ciesp meu passo máximo”, explica.

Santos rememora, ainda, o que denomina de ataque ambiental forte em São Caetano, nos anos 40: “Havia mau cheiro, porque as indústrias poluíam terrivelmente a cidade. São Caetano, antes de ser independente, era o subúrbio de Santo André; então, tudo o que era indesejado para ficar na cidade de Santo André ficava aqui e o de São Paulo também. Não existia nenhum controle ambiental. Com a autonomia de São Caetano, os prefeitos de Santo André, São Caetano e São Bernardo do Campo viram esse problema em conjunto e resolveram que fossem criadas condições para o controle da poluição”.

Lembra, que não havia órgãos estaduais para lidar com a poluição ambiental; era tudo no âmbito municipal. São Caetano cedeu um local para que o grupo de trabalho antipoluição se reunisse e para o funcionamento de um laboratório, inclusive com equipamentos importados e financiados pelas três cidades. “Começaram a ser criadas leis para controlar a poluição de água e do ar pelas indústrias. Como se pode imaginar, foi muito difícil, houve uma reação tremenda contra isso. Foi graças à atuação do Ciesp que se conseguiu convencer e conscientizar os industriais de que o controle era necessário e não era para prejudicar as indústrias. E assim, resolveram o problema e beneficiaram os municípios e indiretamente aqueles que trabalhavam lá. O resultado foi muito bom. O sucesso foi tão grande que o governo estadual decidiu criar a Cetesb para substituir, em âmbito estadual, aquilo que funcionava em termos intermunicipais no ABC”.

Faltava água no início dos anos 50. Também a Delegacia do Ciesp de São Caetano encampou a difícil causa: conseguir

água industrial, sem prejudicar o já difícil e precário abastecimento da população. “A água foi uma grande luta nossa. Mas destaco o serviço que a delegacia prestou, porque faltava tudo: água, estrada, luz...E foi um trabalho intenso para conseguir tudo e que as indústrias fossem para frente”, sublinha.

Hoje, o Ciesp tem um papel muito importante na cidade, visto que diversas indústrias de grande porte saíram de São Caetano. “Afastaram-se por diversos motivos: demográficos e políticos, impostos e uma série de coisas que se tornam naturais no crescimento de uma cidade. Incentivar os serviços é o desafio. São Caetano ainda pode instalar pequenas indústrias na área de serviços. Isso é muito importante: reverter o processo através dessa nova fase de serviços no país. A minha visão é de entusiasmo e satisfação. O que era São Caetano quando vim para cá e o que é hoje? É uma coisa extraordinária que representa um exemplo não só para nós mesmos, mas para o Brasil inteiro. É um cartão postal. Isso só entusiasmo, só alegria, só enaltece”, conclui.



Campos do Jordão, 1965. Convenção do Ciesp. Da esquerda para a direita:
Luiz Carlos, Christóvam Miguel Sanches,
Walter Braido, Keigo Toyoda, (?), (?), Miguel Scherk, Alfredo Reichenstein,
Naur Ferraz de Mattos, Urames Pires dos Santos, Pedro Sukadolnik, Rodolpho Müller, (?)



Membros de Delegacias do Ciesp durante visita às instalações da ZF, por ocasião da XIII Convenção dos Industriais do Interior. Foto tirada no dia 24 de maio de 1963.



Patrão: zelar pelo crescimento conjunto

Nascido na cidade, Rubens da Costa Patrão lembra o malsucedido movimento autonomista de 1928, o envolvimento do pai e o papel desempenhado pelo irmão, Jayme, chargista pró-autonomia em 1947-48. “Foi uma jornada muito difícil para separar-se de Santo André”.

Destaca o fato de que parte expressiva dos industriais dos anos 40 e 50 precisava locomover-se para São Paulo para resolver qualquer dificuldade concreta. “Perdia-se um tempo muito grande e, às vezes, não conseguíamos resolver problema algum. Desde que veio para São Caetano, a Delegacia do Centro das Indústrias tornou tudo muito fácil. “Estava sempre aberta e sempre havia pessoas de gabarito para resolver e orientar os industriais”, assevera.

Avaliando os fatos em retrospectiva, afirma entender que houve uma conjunção favorável de fatores na cidade: o apoio massivo para a criação de um município autônomo, empenho de lideranças empresariais para gerir os próprios destinos,

a compreensão de que uma entidade de classe independente seria o corolário da autonomia político-administrativa e a compreensão de que o futuro poderia prometer muito para São Caetano. “Além disso, a cidade teve muitos dirigentes hábeis, competentes, e tornou-se assim um local privilegiado. Por outro lado, o Ciesp sempre nos deu cobertura, porque era evidente que todos procuravam o melhor para o Município”, pondera.

Patrão também entende que as grandes indústrias de São Caetano tiveram e terão papel predominante, inclusive o de ajudar as pequenas e as que estão começando as atividades. Várias das grandes empresas desapareceram, como é o caso da Cerâmica São Caetano. Restaram muitas pequenos e médios empreendimentos e compete ao Ciesp dar apoio a eles, zelar pelo crescimento conjunto. De grão em grão a galinha enche o papo”, finaliza.



Urames Pires dos Santos (conselheiro da Delegacia do Ciesp de São Caetano) pronunciando-se sobre o tema "Descentralização Industrial", durante a XIII Convenção dos Industriais do Interior, em São Caetano.



Bonaparte: cidade predestinada

João Luiz Paschoal Bonaparte foi primeiro vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul entre 1953 e 1954 e, no biênio 1954-56, presidente da entidade. Era co-proprietário do Café Jambo (1951-1986), com Antonio Cardoso e Adão Cizotto e partidário incondicional (na época) do ex-prefeito Oswaldo Samuel Massei, adversário do também ex-prefeito Anacleto Campanella. “Naquele tempo, quando a Delegacia do Ciesp foi fundada, a minha impressão é de que não houve tanta repercussão. Hoje, ela tem muito mais importância, inclusive por tudo aquilo que já contribuiu com a cidade”, opina.

Bonaparte acompanhou de perto a vida política da cidade e foi protagonista de muitos fatos. Ocupou a presidência da Comissão Municipal de Esportes entre 1971 e 1972 e, depois, de 1973 a 1976, na gestão do ex-prefeito Walter Braidó, em cuja administração foi presidente da Comissão Municipal de Festejos em 1973 e, mais tarde, de 1984 a 1987. Também ocupou a

presidência da Comissão Municipal de Abastecimento e Preços, nos anos 50.

“Alguns industriais da cidade não acreditavam no sucesso da fundação da Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Mas idealistas, principalmente como Christóvam Miguel Sanches, sim. E valeu a pena. Só pelo fato de as pessoas de São Caetano fazerem algo para a indústria local, valeu a pena. Também porque a entidade comemora 50 anos e o seu papel é relevante”, explica.

No que respeita ao papel da indústria no futuro do Município, Bonaparte é taxativo ao assegurar que não acredita que novas indústrias de grande porte possam ser instaladas sobretudo devido à falta de áreas livres. “Empresas de pequeno porte, de tecnologia avançada, sim. Parece haver consenso quanto a isso. E, pessoalmente, também acredito que o setor de serviços venha a expandir-se aqui. Nos anos 50, a situação era estável, mas o que tínhamos era, basicamente, uma grande fatia do que posso

chamar de indústria caseira em São Caetano”, observa.

A falta crônica de infra-estrutura em São Caetano, no período que se seguiu à emancipação político-administrativa, também é lembrada por Bonaparte. Foi uma época difícil, garante, para a cidade, que era nova. “Houve soma de esforços entre a Associação Comercial e Industrial e os fundadores do

Ciesp, nos anos 50. Foram grandes as dificuldades até conseguirmos chegar ao padrão atual, em todos os sentidos. Somente quem viveu esse período inteiro consegue avaliar o salto qualitativo que conseguimos dar. Mas eu creio que São Caetano é predestinada: parece que cresce sozinha”, avalia.



Vista panorâmica do Bairro Fundação, no ano 1979.
Na foto: o conjunto residencial da Matarazzo e chaminés.



Convenção de Marília . Flagrante de outro momento da XI Convenção dos Industriais do Interior.
Em destaque, da esquerda para a direita: João Sáfrány, Christóvam Miguel Sanches, Antônio
Caparrós Guevara, Jordano Pedro Segundo Vincenzi e Carmine Walter Barile.



Gastaldo: futuro na alta tecnologia

“O empresário da indústria em São Caetano, na maioria dos casos, era a pessoa que conseguia construir uma empresa depois de ter saído do emprego e depois de ter enfrentado dificuldades. Viveram a experiência de começar de baixo. Nas horas de dificuldade, não havia muita teoria para analisar; apenas a prática. Muitos saíram das montadoras, fundaram empresas que forneciam às montadoras. Quem fundou uma empresa com trabalho sabia o custo e não queria perdê-la”. Péricles Arcuri Gastaldo avalia assim o perfil de significativa parcela dos pequenos e médios industriais e recorda que começou a dirigir o Ciesp-São Caetano em 1983. “Sempre gostei de freqüentar, porque pude conviver com pessoas que tinham conhecimento prático, garra e bom senso”, observa.

Gastaldo lembra dos anos de profunda crise econômica no País, na década de 80 do século passado. As reuniões do Ciesp local eram freqüentadas por pequenos e médios empresários e representantes das

grandes indústrias. Havia uma variedade de informações, que acabavam sendo passadas de maneira prática. “Tínhamos informações oriundas da sede, em São Paulo, e informações sedimentadas. Isso ajudava-nos a formar uma linha de conduta. Se não tínhamos acesso às informações, íamos atrás”.

De outro lado, explica que no final dos anos 80, o Banco do Brasil acabou dando impulso para a indústria da cidade em muitos aspectos. “Acaba não sendo difícil administrar as coisas, quando há um grupo de companheiros de ramos distintos e isso gerava uma coesão global grande”. Ademais, o Senai pode ser ainda um grande atrativo, um elemento aglutinador, porque tem capacidade para instalar cursos voltado para qualquer área da indústria, complementa.

Conquistas significativas para a cidade ao longo das duas ou três últimas décadas? Gastaldo cita a ocasião em que se difundiu a notícia de que a Escola de Cerâmica do Senai seria fechada em São

Caetano, e a Escola Mário Amato, de São Bernardo, operaria com alta tecnologia para qualificar pessoal capaz de produzir blocos de motores automobilísticos. “Houve a idealização de um projeto de requalificação profissional, como resultado. De outro lado, nas conversas que surgiram a partir das dúvidas com respeito ao futuro da escola, surgiu a negociação que instalou a Escola de Mecatrônica, em convênio com a instituição japonesa Jaica. Também conseguimos reclassificar a cidade no Instituto de Resseguros do Brasil, fato que desencadeou a necessidade de dar mais condições ao Corpo de Bombeiros na cidade”.

Afirma que desfilaram no palco do mundo político e nas reuniões da delegacia do Ciesp na cidade várias pessoas comprometidas com o bem estar da coletividade. “São Caetano teve essa felicidade: ter gente assim. Temos lá um desses nomes, o de Walter Braido, três vezes prefeito e líder político regional, o que poucos conseguiram ser. Sempre tive a impressão de que ele gostava de ser justo e quando não pôde ser, deve ter tido explicações para isso. O Keigo Toyoda, um líder, esportista, de classe absoluta. O Urames Pires dos Santos, uma

figura excepcional” explica.

Os empresários estão cada vez mais absortos com a própria empresa, porque a situação tornou-se muito complexa, a começar da legislação. Mas adverte que aqueles que “nasceram para serem industriais têm uma doença: se saírem de um lugar, montarão uma indústria ali onde se estabelecerem”. Por isso, num universo cada vez mais competitivo, lembra, é preciso ser versátil para sobreviver.

Em que pesem essas observações, Gastaldo mantém-se otimista quanto ao futuro da indústria em São Caetano, “desde que os governos municipais tenham os olhos voltados para isso e o governo do Estado também”. Entende que há muitos e diversos ramos de atividade que podem ser atraídos para a cidade. “Mas deve haver uma divulgação maior da cidade”.

Prognostica, também, que o Município tem condições para ingressar no mercado de exportação. “Para o pequeno empresário, é muito difícil, porque terá de concorrer com a indústria chinesa. Mas esse quadro pode servir para que os futuros governantes ajudem São Caetano a ingressar no mercado internacional, porquanto o futuro está na alta tecnologia”, comenta.



Convenção do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo realizada em São Caetano entre 24 e 26 de maio de 1963 no Clube da Cerâmica São Caetano. Na primeira fileira, da esquerda para a direita: João De Conti, Anton Holger Wilhelmsen, (?), Argemiro Barros de Araújo, Carmine Barile, Matheus Constantino e João Sáfrány. Na quarta fileira, primeiro à direita: Pedro Sukadolnik.



Membros da Delegacia do Ciesp local, durante os trabalhos da XIII Convenção dos Industriais do Interior, em São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita: Jorge Strauss (vice-delegado da entidade, na ocasião), Pedro Sukadolnik, Carmine Walter Barile, Sebastião Sampaio de Assis, Antonio Caparrós Guevara, João Sáfrány e Jordano Pedro Segundo Vincenzi. Ao fundo, da esquerda para a direita: Urames Pires dos Santos e Nelson Sotto Mayor.



Sukadolnik: da vanguarda à aposta no futuro

O Ciesp em São Caetano foi de vanguarda, porque o papel desempenhado pela entidade na década de 50 foi muito importante para a cidade. O diagnóstico é de José Ricardo Sukadolnik que também afirma lembrar-se do pai (Pedro Sukadolnik, um dos fundadores da Delegacia, em 1957) participando das reuniões da entidade de modo constante. Sublinha o fato de que os articuladores da fundação de um braço do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo foram os donos de pequenas e médias empresas. “Foi um passo grande. São Caetano é uma cidade pequena e eles conseguiram fazer uma associação que muitas cidades grande não tinham na época, mas acabaram fundando depois. Podemos dizer que aqui nasceu uma espécie de berço de muitas outras ramificações no Estado”, observa.

Atual vice-presidente do Sindimaq (Sindicato das Indústrias de Máquinas), no período em que esteve à frente do Ciesp-São Caetano, Sukadolnik entende que um dos

grandes fatos foi o que designa como “unificação do ABCD”. Lembra a existência de um clima de disputa entre as entidades congêneres para promover cursos e outras iniciativas. “Durante a gestão de Péricles Gastaldo e ao longo da minha, houve uma convergência de atividades, sobretudo com Diadema e Santo André. O presidente da Fiesp-Ciesp da época, Carlos Eduardo Ferreira Moreira, procurou unir todos os Ciespes do Estado. Procuramos integrar-nos inclusive aqui e houve entrosamento na região”, explica.

Também rememora o período de estagnação econômica do País, quando esteve à testa da entidade no Município, mas a presença e a participação ativa dos associados nas reuniões acabou sendo o resultado positivo de um esforço continuado. “A temática dominante, como não poderia deixar de ser, era a tentativa de todos buscarem salvar as próprias empresas em meio à crise econômica. Hoje, há maior troca de informações”.

Sukadolnik sugere a necessidade de, num futuro breve, a atuação do Ciesp voltar-se às origens, ou seja, buscar a união crescente dos empresários da cidade em torno de alguns objetivos. “São Caetano é uma cidade atípica, pequena, onde se valoriza muito a qualidade de vida, o que é ótimo. Existe, no entanto, um risco virtual de a especulação valorizar demais os imóveis, fato que poderia resultar em evasão de empresas. É preciso pensar num plano de médio e longo prazo para manter na

cidade as pequenas e médias indústrias, um projeto capitaneado pela sociedade organizada. Afinal, são as que geram mais emprego e proporcionalmente pagam mais impostos. Tenho esperanças de que, empenhadas de modo adequado, elas e o setor de serviços possam garantir a manutenção do nível de emprego e renda da cidade”, afirma.



Entre os dias 25 e 27 de novembro de 1960, a cidade de Marília sediou a XI Convenção dos Industriais do Interior.

A Delegacia do Ciesp de São Caetano esteve presente no evento, com a tese "A participação, direta ou indiretamente, das classes produtoras na política nacional". Nesta foto, tirada no dia 26 de novembro, membros do Ciesp local aparecem, em primeiro plano. Da esquerda para a direita: Carmine Walter Barile, João Sáfrány, Keigo Toyoda, Christóvam Miguel Sanches (delegado da entidade, na época), Antonio Caparrós Guevara e Jorge Strauss.



Eleições na Delegacia local do CIESP, em agosto de 1995. Na ocasião, apenas uma chapa foi registrada em tal pleito, ficando assim constituída a diretoria da entidade, no período 1995 - 1998: José Ricardo Sukadolnik (diretor-titular), José Roberto Chiea (diretor-adjunto) e Cláudio Musumeci (diretor-adjunto). Da esquerda para a direita: Cláudio Musumeci, José Roberto Chiea e José Ricardo Sukadolnik. Foto tirada na antiga sede do Ciesp de São Caetano (Rua Peri, 317).



Pesinato: participação é exercício de cidadania

Em meio à evasão industrial que atingiu a região, nos anos 80 do século passado, William Pesinato estava à frente da Delegacia do Ciesp-São Caetano. “Perdemos o equivalente a três ou quatro GMs. Foram embora da cidade a Villares, a ZF, a Brasinca. Imagine uma diretoria nesse contexto”, observa. Explica que a situação financeira não era confortável. Sublinha que se sentia “novato”, em que pese o fato de a sua empresa tenha sido fundadora da delegacia no Município. “Tive muito apoio dos que já estavam no Ciesp-São Caetano. Houve um trabalho de agregação. Tínhamos uma reunião mensal. Propus que colhêssemos sugestão nesse encontro aberto a todos os conselheiros, associados e industriais não-associados”. Foi um período em que o Ciesp saiu da rua Peri, onde estava instalada numa casa, e a sede foi transferida para uma sala na rua Amazonas. Durante a gestão de Péricles Gastaldo, a Prefeitura havia doado uma área para o Ciesp construir uma sede junto ao Instituto Mauá de Tecnologia. Mas

houve novas negociações e o terreno acabou sendo cedido à faculdade. A sede mudou-se para o Bairro Nova Gerti, onde obteve salas cedidas pela administração municipal. “Com isso, conseguimos economizar aluguel e obtivemos mais receita. Isso foi muito importante”, relata.

Pesinato relata que havia quem entendesse no Centro das Indústrias do Estado de São Paulo que a representação política é importante, mas os serviços não devem estar necessariamente instalados na cidade. “Não éramos apenas nós, em São Caetano, em dificuldade. Houve a idéia de juntar os serviços de vários municípios da região... Fui chamado à sede, em São Paulo, e sugeriu-se a possibilidade de nos juntarmos a Santo André. Eu disse: não sou o dono do Ciesp-São Caetano; são os associados”, rememora. A reação à incorporação foi negativa, observa, e o resultado prático foi o aumento do total de associados na cidade. “Arregaçamos as mangas e chegamos a cem associados. No segundo mandato,

começaram as exportações e a nossa fonte de receita são os Certificados de Origem, de tal modo que encerramos a contabilidade no segundo mandato no azul”.

Do total de 750 estabelecimentos industriais contabilizados na cidade, Pesinato acredita que somente cerca de 350 sejam indústrias de transformação. “Umas fecharam, outras foram embora e as demais não são indústrias de transformação. No Ciesp, a média de filiação é de 20%. As grandes indústrias não precisam do Ciesp; associam-se porque precisam estar associados a um órgão de classe. Ao Ciesp associam-se aqueles que estão no chão da fábrica, que respondem pela produção e têm problemas legais, administrativos, etc. e a entidade dá assistência integral. Essa é a sua função primordial. Na Fiesp, existe a representação setorial”, pondera.

O convênio com o governo do estado alemão da Baviera acabou sendo assinado durante o mandato de William Pesinato, após um programa de visitas em áreas de interesse comum. Destaca o convênio com o Instituto Mauá de Tecnologia. Os estudantes de Engenharia acabam indo às indústrias da cidade para basear os seus Trabalhos de Conclusão de Curso, com base em problemas concretos. “Implantamos o programa O Futuro Visita a Indústria, que consiste na visita de alunos entre 12 e 16 anos às empresas do Município, ao longo da Semana da Indústria. É uma excelente oportunidade para despertar o interesse dos jovens por sua futura profissão. Se eu pertencesse a outras entidades de classe na cidade, também faria de tudo para

que os alunos dos cursos Fundamental e Médio tivessem contato com as mais diversas áreas de atividade”, explica.

No que respeita ao futuro das indústrias em São Caetano, Pesinato entende que permanecerão na cidade as pequenas e médias empresas que têm seu próprio espaço e não dependem de área para crescer ou terão condições de remanejar espaços. “Ficarão. Os proprietários, inclusive, são da cidade. É o caso de nossa empresa, com 92 anos de existência em São Caetano. Dificilmente sairá”.

As empresas de alta tecnologia, que não necessitam de muito espaço, representam o futuro da indústria na cidade, assegura. “Devido à proximidade com a capital, com os aeroportos, porto, devido às características do Município – cidade pequena e agradável –, a tendência é atrair esse tipo de investimento. Não podemos, no entanto, perder a característica de viver bem. Todos sabem que a maior parte da arrecadação de São Caetano provém da indústria. Precisaríamos de estudos para conceder importância maior àquelas empresas que já estão aqui e transformar, por exemplo, o Bairro Prosperidade, em zona predominantemente industrial”. Pesinato observa, ainda, que sempre enfatiza a necessidade de participação ativa. “É um exercício de cidadania para melhorar o País. Se não aprenderemos no microcosmo, não conseguiremos nada no macrocosmo”.



Formatura dos cursos populares e de corte e costura do Sesi de São Caetano do Sul, no Clube do Trabalhador (Rua Santa Catarina, 25), em 22 de dezembro de 1953. Em destaque, Antonio Caparrós Guevara, patrocinador de um curso de corte e costura regido pela professora Maria de Lourdes Alberto.



Foto tirada durante a abertura da V Expo Indústria de São Caetano do Sul, evento realizado, entre os dias 21 e 23 de agosto de 1996, no Sesi de São Caetano (Rua Theobaldo De Nigris, 70). Da esquerda para a direita: João Ricardo Santa Rosa (diretor da Escola Senai Armando de Arruda Pereira), Sandra Chiea (representando José Roberto Chiea, diretor-adjunto do Ciesp de São Caetano), Izabel Cristina B. Grigio (gerente do Ciesp de São Caetano), Mosavi Aparecida Ribeiro (diretora do Centro de Atividades do Sesi de São Caetano), Péricles Arcuri Gastaldo (conselheiro nato do Ciesp de São Caetano), José Ricardo Sukadolnik (diretor-titular do Ciesp de São Caetano, na época), Mauro Marcon (diretor da Escola Senai Carlos Pasquale) e Cláudio Musumeci (diretor-adjunto do CIESP de São Caetano).



Peres: criar zonas industriais

Segundo a perspectiva de Antonio Peres Filho, um dos dois diretores-adjuntos atuais, São Caetano está consolidado como pólo industrial e a implementação do projeto no Bairro Cerâmica – a construção de um centro para abrigar atividades produtivas e de lazer – deverá constituir uma espécie de plus para a cidade. No entanto, observa que a criação de zonas industriais nas duas áreas lindeiras com os cursos d’água – ao longo do rio Tamanduateí, os Bairros Prosperidade e Fundação e no ribeirão dos Meninos, o Bairro São José – seria fundamental, devido ao acesso a transporte rápido. “Temos de obter juntos competitividade sob o ponto de vista logístico. Esse é um fator essencial nos dias de hoje”, afirma.

Peres acompanha desde junho de 1984 a atividade de todas as diretorias do Ciesp-São Caetano e acredita que o lema a ser trabalhado, de forma constante, possa ser resumido numa única frase: “Devemos unir-nos!”. Presença e participação são essenciais, pondera, porque é importante

reunir a categoria. “Não se trata apenas de oferecer assistência jurídica, cursos, apontar caminhos para a obtenção de crédito. Trata-se de harmonizar interesses divergentes e de representar os reais interesses dos associados. Por isso, se todos os industriais da cidade, todos, sem exceção, se unissem em torno da Delegacia do Ciesp, seria ótimo sob o ponto de vista institucional e sob a perspectiva de representatividade das bases. Se todos enfrentam a mesma dificuldade, ou problemas similares, torna-se mais fácil encontrar soluções”, sublinha.

Até 1995, lembra, houve muitas indústrias de porte em São Caetano, que foram as responsáveis pela consolidação da cidade como centro industrial de importância. Hoje, a maioria é composta por pequenas e médias empresas.

O Centro das Indústrias do Estado de São Paulo reúne cerca de 9.600 associados, uma das maiores entidades do gênero no mundo, destaca. “Um lápis você quebra com facilidade, mas um maço de lápis é quase

impossível quebrar. Por isso, insisto na necessidade de os industriais da cidade congregarem-se mais e mais no Ciesp. Para obter uma união consistente em torno de causas comuns, é melhor ter mais gente”, conclui.



Entre os dias 22 e 26 de outubro de 1997, foram realizadas a VI Expo Industrial e a I Expo Comercial, no Espaço Verde Chico Mendes. Na imagem, aparecem autoridades e membros do Ciesp local, durante a abertura do evento. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Silvio Torres, José Ricardo Sukadolnik, Péricles Arcuri Gastaldo, Horácio Lafer Piva, Cláudio Musumeci e Luiz Péricles Muniz Michielin



Visita da Comissão de Serviços Profissionais (vinculada ao Rotary Club de São Caetano do Sul) à General Motors, em 2/12/1954. A comissão era presidida por Christóvam Miguel Sanches, responsável por sugerir a criação da Delegacia do Ciesp em São Caetano do Sul. Em primeiro plano, foram identificados, da esquerda para a direita: Maurício Simão (relações públicas da GM), Anacleto Campanella (prefeito de São Caetano), Ângelo Raphael Pellegrino e Antonio Júlio Saraiva Margarido. Em segundo plano, da esquerda para a direita: Christóvam Miguel Sanches, Walter Thomé e Jayme da Costa Patrão. Ao fundo, da esquerda para a direita: Ivo Pellegrino, Antonio Caparrós Guevara e João Cambaúva (vereador).



Musumeci: criatividade para reter as empresas na cidade

Economista que teve papel ativo na administração municipal e também exerceu o mandato de vereador, Cláudio Musumeci acredita que a pujança do parque industrial de São Caetano foi “a alavanca principal da autonomia político-administrativa”, visto que se o parque industrial não fosse suficientemente forte e capaz de sustentar a criação do Município, não haveria condição alguma para a obtenção da autonomia. “Foi então que as indústrias da cidade já tiveram peso significativo, ainda que não um papel explícito. Proporcionaram à comunidade um prestígio muito grande”.

De outro lado, menciona, também, o período de evasão industrial – na década de 80 e começo dos anos 90 – como momento de inflexão importante. “Basta considerarmos a arrecadação proporcionada à Prefeitura pelas empresas aqui radicadas até o instante em que começou a evasão industrial. É preciso lembrar que ficamos reduzidos às pequenas e médias empresas, com exceção de General Motors, Delphi, Petrobrás, para

exemplificar”. A potencialidade de arrecadação da cidade foi muito grande e lembra que empresas como Villares, ZF ou Brasinca deixaram São Caetano, sem que isso tenha afetado, de maneira significativa, a saúde financeira do Município. “Isto, porém, deve ser visto dentro de um quadro geral de aumento de preços no País aliado ao fato de que alíquotas e taxas nunca foram reduzidos e isso acabou compensando as perdas ocorridas. Ademais, os produtos acabaram sendo mais sofisticados e, assim, têm maior valor agregado. Portanto, houve uma compensação da diferença oriunda da evasão de empresas, que deixaram de contribuir para os cofres públicos, e das que ficaram aqui”.

Analisando retrospectivamente a evolução do Município, observa que sem uma indústria forte não haveria o nível de desenvolvimento que São Caetano possui, porque a arrecadação foi fundamental para construir a infra-estrutura existente e que alçou a cidade à condição de primeira no País em Índice de Desenvolvimento Humano.

Mas apresenta o contraponto: microempresas, pequenas e médias são aquelas que criam grande número de postos de trabalho, fato comprovado por dados estatísticos. “É preciso impedir que as microempresas, as pequenas e médias saiam da cidade. O Poder Público deve evitar de dar incentivo às empresas que desejam instalar-se aqui agora sem que haja uma contrapartida para aquelas que já estão na cidade”, pondera.

Por outro lado, Musumeci prognostica a necessidade de usar a criatividade em conjunto, em consenso, – administração pública, indústria, comércio, serviços e sindicatos, enfim todos os setores representativos da atividade econômica – para dar condições de permanência às empresas radicadas em São Caetano. “É o grande desafio que restará para o presente e para o futuro”. A cidade, explica, “tem a sorte de poder segurar as empresas” em grande parte devido aos equipamentos públicos que oferece em abundância, graças à proximidade com a capital do Estado e à posição logística positiva. Observa, no entanto, que não restam mais espaços livres para a expansão do parque industrial, exceção feita à área de quase 300 mil metros quadrados em que funcionava a Cerâmica São Caetano e transformada no empreendimento conhecido sob o nome de Pólo Tecnológico da Cerâmica, que pretende atrair investimentos oriundos das atividades que lidam com tecnologia avançada.

“Mas é preciso estudar a possibilidade

de transformar o local numa espécie de zona franca, com mecanismos específicos de benefícios e contrapartidas similares aos existentes em Manaus. Este debate surgiu no Conselho Municipal da Cidadania dentro do grupo temático referente à economia da cidade. A Delegacia de São Caetano do Centro das Indústrias do Estado apresentou estudos sobre mecanismos de compensação tributária que podem funcionar como incentivo às empresas que já estão instaladas aqui e para as demais, que pretendem vir para cá”, sublinha.

Aponta como fator positivo no Município a inexistência de dificuldades para a abertura de empresas, seja no setor de serviços, seja no do comércio ou da indústria. “Existe certa agilidade e proatividade”.

Outro desafio significativo, lembra, é o da carga tributária, que já estava presente no rol de preocupações dos dirigentes do Ciesp-São Caetano no ano da instalação da delegacia. “Isso existe desde o tempo do Brasil-Colônia, do tempo da Derrama. A diferença fundamental a ser considerada hoje é a concorrência chinesa. Exportamos impostos por causa da carga tributária e não há retorno adequado dos encargos pagos. Ultimamente, a classe empresarial tem se manifestado mais em público. De qualquer modo, o obstáculo existe há cinquenta anos – período relativamente curto na História -, como fato concreto e, de outro lado, a questão retroage aos primórdios de nossa existência como Nação”.



Christóvam Miguel Sanches, delegado do Ciesp de São Caetano do Sul, participou da cerimônia de entrega de certificados aos formandos da Escola Senai Armando de Arruda Pereira, no dia 17 de dezembro de 1961. Ele aparece entre os componentes da mesa (o segundo, a partir da esquerda). Na seqüência, foram também identificados Carlos Strazzer e Francisco Marinotti, que participou do evento como convidado especial.



No decorrer da VI Expo Industrial (1997) e da I Expo Comercial, palestras foram realizadas no estande que foi montado pelo Ciesp de São Caetano do Sul. Na imagem, Izabel Cristina B. Grigio (gerente da entidade) aparece abordando o tema "Administração Interativa", numa das palestras.

Comemorações
do jubileu de ouro

Missa na Igreja Matriz



No dia 30 de março de 2007, Missa em Ação de Graças foi celebrada na Igreja Matriz de São Caetano para marcar as festividades do Jubileu de Ouro do Ciesp-São Caetano

Cooperativa abre posto em São Caetano



Como parte dos festejos do cinquentenário, foi inaugurado em março de 2007 um Posto de Atendimento da Agência da Cooperativa de Crédito dos Empresários do Ciesp do ABCD na sede da Delegacia do Cies-São Caetano. O evento foi prestigiado por representantes da Agência do Cicred, de São Bernardo, associados e dirigentes da entidade no Município.

Exposição de fotografias



Flagrante da abertura de exposição de fotografias referentes ao cinquentenário do Ciesp-São Caetano, organizada pela Fundação Pró-Memória, no campus II do Instituto Municipal de Ensino Superior. Da tribuna, oO diretor-titular, Cláudio Musumeci, faz uso da palavra. Da esquerda para a direita: William Pesinato e Antonio Peres Filho, diretores-adjuntos do Cies-São Caetano; Nelson Robles, do Cerimonial da Prefeitura de São Caetano; Aduino Campanella, presidente da Fundação Pró-Memória; Walter Figueira Júnior, vice-prefeito e Ramis Sayar, diretor de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de São Caetano.

Sessão solene da Câmara Municipal registra os 50 anos

No dia 29 de março de 2007, a Câmara Municipal de São Caetano do Sul comemorou, em sessão solene, os cinquenta anos de fundação da Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo na cidade. Na oportunidade, o diretor do Ciesp-São Caetano do Sul, Cláudio Musumeci, foi homenageado com placa de prata do Legislativo que lhe foi entregue pelo presidente da Casa, vereador Paulo Bottura (PTB). A entidade prestou homenagem aos fundadores Christóvam Miguel Sanches (primeiro delegado do Ciesp), Urames Pires dos Santos, Mário Porfírio Rodrigues, Rubens da Costa Patrão, João Luís Paschoal Bonaparte e o ex-prefeito Walter Braidó.

Fizeram uso da palavra o vereador Sidnei Bezerra (PSDC), em nome do Legislativo; Christóvam Miguel Sanches; o diretor do Ciesp na cidade, Cláudio Musumeci; Victor Serravalle, diretor de Responsabilidade Social, em nome do Ciesp-São Paulo, e o prefeito José Auricchio Jr.

O presidente da Câmara, vereador

Paulo Bottura, destacou o papel desempenhado pelas indústrias no desenvolvimento da cidade. Christóvam Miguel Sanches recordou episódios ligados à fundação da delegacia do Ciesp na cidade e o nome dos primeiros conselheiros. Victor Serravalle, que representou o presidente do Ciesp, Cláudio Vaz, destacou a importância de São Caetano no contexto do desenvolvimento nacional. Cláudio Musumeci lembrou o processo de industrialização da cidade, desde o final do século XIX, e prognosticou a necessidade de a indústria local preparar-se para o mercado globalizado, volátil e de concorrência implacável. O prefeito José Auricchio Jr. salientou que, além de contribuir com parcela expressiva da receita do Município, as indústrias terão papel de relevo no futuro, porque o Executivo está desenvolvendo projetos voltados para a essa área, notadamente em Tecnologia da Informação.

Íntegra do pronunciamento do vereador Paulo Bottura:

“ Inicialmente quero dizer que estamos muito orgulhosos de poder vir a uma sessão solene dos 50 anos do Ciesp que muito contribui para o crescimento de São Caetano do Sul. Podemos dizer que nasceu com a autonomia da cidade, entendendo que a abertura para o comércio e indústria trariam o despertar para uma nova vida independente.

Com o passar dos anos, acompanhamos o desenvolvimento e as novas firmas formadas trouxeram empregos, renda, participação, porque crescendo o número de indústrias, o rol de associações que são formadas criam intercâmbios salutareos que somente fazem aumentar o potencial de negócios.

Assim, sem alongar mais minhas palavras, tenho certeza, Cláudio Musumeci, que você na qualidade de Diretor do Ciesp São Caetano do Sul, mais do que ninguém, contribuiu com as pessoas que formam a instituição, com as pessoas das grandes indústrias para o nosso desenvolvimento.

Tenham certeza que tanto o Legislativo, como o Executivo estão preocupados com o maior desenvolvimento das indústrias, em função de que temos pouco parque nesta cidade, e poucos terrenos que nos restam, mas tenham certeza que a preocupação do Executivo e do Legislativo é grande para poder assegurar essas áreas para que novas indústrias se implantem e outras permaneçam em São Caetano do Sul.

Desejo ao Ciesp todo o sucesso! Em nome do Cláudio Musumeci, abraço a todos que integraram e fizeram com que São

Caetano do Sul se desenvolvesse da forma como hoje graças a memória das nossas indústrias. Muito Obrigado.”

Íntegra do pronunciamento do sr. Cláudio Musumeci:

“É um privilégio bastante grande poder saúda-los nesta ocasião como diretor-titular do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – São Caetano do Sul. Há diversas razões para tanto. Primeiro, porque estamos comemorando hoje, nesta Casa de Leis, o cinquentário da entidade, uma data marcante para a instituição e também para a nossa cidade. Segundo, porque ilustres nomes antecederam-me na tarefa de conduzir o Ciesp de São Caetano do Sul, a começar do primeiro diretor, Christóvão Miguel Sanches, e de tantos outros ilustres fundadores e/ou conselheiros que ali deixaram a sua marca – importante e indelével. Terceiro, e não menos importante, porque a entidade teve, tem e deverá ter papel de relevo na história do município.

Gostaríamos aqui de lembrar dos primeiros conselheiros, ou seja, dos senhores Jorge Strauss, Carmine Walter Barile, Antonio Caparroz Guevara, Franz Beyerlein, Rubens da Costa Patrão, Urames Pires Santos, Augusto José Zambelli, João Safrany, Matheus Constantino, Jordano P. S. Vincenzi, Brasílio Rossetti, Mario Porfírio Rodrigues, Reynaldo Rampazzo, Pedro Sukadolnik, Keigo Toyoda, Albert Politi, Miguel Scherk, Alexandre Pavia, Einer Wilhelmsen, José da Rocha Ferreira Filho, Hermógenes Walter



Mesa Diretora da sessão solene

Braido, Argemiro Barros Araújo, Kurtz Metzner, José Contreras Soriano. Também desejamos sublinhar o papel desempenhado por nossos colegas atuais de diretoria, William Pesinato e Antonio Peres Filho, e agradecer-lhes o apoio constante.

Vinte e oito de agosto de 1928 é a data de fundação do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), tendo como primeira diretoria empresários de grande expressão como o conde Francisco Matarazzo, Roberto Simonsen, Horácio Lafer, Jorge Street, José Ermírio de Moraes e Antonio Devisati. Desde a primeira diretoria, em 1928, o Ciesp adota uma postura ativa na representação e ação política, prestação de serviços, assessoria técnica e geração de negócios por meio de suas 42 diretorias regionais, ou seja, uma forte estrutura

espalhada por todo o Estado de São Paulo, com a finalidade de reunir e dar suporte ao empresariado.

Atualmente, trata-se da maior entidade representativa do setor na América Latina, onde estão aglutinadas diferentes partes e segmentos do maior parque industrial brasileiro, contando em seus quadros com 9.600 sócios que contribuem financeira e espontaneamente para os cofres da entidade.

A diretoria atual, em São Caetano, oferece como principal atendimento a emissão de Certificados de Origem dos Produtos de Exportação. As diretorias da região criaram a Sicredi- Cooperativa de Crédito, proporcionando aos associados empréstimos e produtos com custo menor que no mercado e cursos e treinamento gerencial e, ainda, a criação do ATE- Núcleo

de Jovens Empreendedores, além de convênios e parcerias com muitas entidades prestadores de serviço ao empresariado.

É forçoso lançar um olhar para o passado e destacar o fato de que o Ciesp de São Caetano foi fundado em 1957, nove anos depois de termos obtido a autonomia político-administrativa. Cabe lembrar que algumas instituições foram palco privilegiado da articulação para fundar o Ciesp, como é o caso do Rotary Clube. Todos sabem que a luta autonomista já havia começado nos anos 20 e fracassou. Éramos um sub-distrito esquecido da cidade de Santo André. Na segunda metade da década de 40 do século passado, o ideal autonomista voltou à tona. Aqueles que viveram essa época, podem recordar-se das dificuldades que enfrentávamos, a despeito do fato de sermos um núcleo muito industrializado e apesar de a indústria representar fatia fundamental de nosso desenvolvimento. Por isso, à autonomia bem sucedida sucedeu a necessidade de articular os industriais locais, a fim de criar condições objetivas para buscar recursos que nos faltavam. Faltava água, potável e industrial; faltava transporte; faltava telefonia que nos possibilitasse comunicarmos com o País. Diretores e conselheiros do Ciesp-São Caetano engajaram-se nessa e em outras lutas.

Devemos ressaltar que a pequena e média indústria teve papel preponderante no progresso de São Caetano. Já era assim, pouco tempo depois do amadurecimento do Núcleo Colonial, para o qual vieram os imigrantes italianos em 1877. Basta lembrar

que treze anos depois, em 1890, havia na relação de estabelecimentos comerciais ou industriais daqui fabricantes de carvão (Francesco Fiorotto, Luigi D'Agostini, Domenico Botton, Antonio Martorelli, Modesto Garbelotti, etc.) ou fabricantes de tijolos e telhas (como as olarias de Giuseppe Pin, Antonio Garbelotti, Paulo Martorelli ou Angelo Cavana). Em 1892, surgia a fábrica de formicida de Fernando de Albuquerque e, em 1895, a Destilaria São Caetano. No início do século passado, em 1913, a Companhia Fábrica Pamplona já produzia sabão, graxas e óleos lubrificantes, e ocupava 40 mil metros quadrados no Bairro Fundação. Nos anos seguintes, a nossa cidade veria instalados a refinação de açúcar de Salvetti Massucci; as fábricas de sabão de óleo das Indústrias Reunidas F. Matarazzo; a N. Foundring e Cia., fábrica de correias; a fábrica de vidros Mazotti; Giorgi Picossi e Cia., com a produção de manteiga de coco e salitre. São apenas exemplos tomados ao acaso, para ilustrar como a indústria esteve associada à história do crescimento da cidade desde os primórdios. Em 1969, éramos o quinto município brasileiro em produção industrial.

Em 1942, por exemplo, o prefeito-interventor de Santo André, José de Carvalho Sobrinho, tinha em mãos relatório da Prefeitura de Santo André que mostrava que a Segunda Zona do município, ou seja, São Caetano, equiparava-se a Santo André em total de indústrias. Imaginem, senhoras e senhores: com área territorial muito menor, com população bem menor mas com parque industrial idêntico. Depois, houve o êxodo de

muitas indústrias, em conseqüência de vários fatores. De um lado, fatores macro-econômicos, como é o caso da crise instalada no final dos anos 80 e na década de 90 na economia brasileira, quando tivemos a chamada década perdida. De outro, porque a dimensão diminuta da cidade também acabou sendo fator impeditivo da expansão de muitos grupos industriais de porte. Hoje sentimos a falta das que foram embora, como é o caso da Aços Villares, Cerâmica São Caetano, ZF, Coferraz, entre outros. Contudo, é evidente que gigantes como a General Motors, instalada na cidade há mais de sete décadas, foi e continua sendo o maior empregador no município e uma espécie de cartão de visitas, ao lado de empresas como a Indústria de Móveis Bartira, que tem as Casas Bahia como holding, a Petrobrás, a Delphi, entre outras.

No momento em que comemoramos o jubileu de ouro de nossa entidade, devemos olhar para o futuro e pensar que nos compete - e principalmente aos dirigentes da entidade que vierem a assumir-lhe o comando doravante - adaptar-se aos novos tempos, de um mundo de economia globalizada, de mercados volatilizados, de rápida movimentação de capital e de bens de consumo, de concorrência desenfreada, de mão-de-obra asiática quase gratuita. E tudo isso devora empregos e empresas neste hemisfério. Portanto, é preciso articular-se mais uma vez, reunir as forças produtivas e as cabeças pensantes da cidade para traçar as linhas básicas que nos permitam enfrentar esta nova transição, sem que percamos a qualidade de vida que o município logrou

conquistar com o trabalho de sua população. Muito obrigado.”

Íntegra do pronunciamento do vereador Sidnei Bezerra da Silva:

“Senhores, perseverar, conservar-se firme e constante, este talvez seja o modelo para o Ciesp que hoje completa 50 anos de atividade em São Caetano do Sul. Perseverar é um verbo que costumamos usar quando vemos algo que durante tanto tempo vemos se solidificar porque demonstra existência em se fazer, e tem feito.

Sabemos que todo caminho é pedregoso em algumas etapas, mas, se ele se mostra extenso como a conquista do jubileu de ouro, uma certeza os oferece: trabalho árduo e determinado.

O Ciesp de São Caetano do Sul, fundado em 1957, nos transmite a segurança demonstrada com a emancipação do município, onde jovens demonstraram a força, a garra e levantaram uma população em busca do plebiscito, que os concedeu a liberdade.

Mas, sei que não seria apenas fato que moveria essa instituição, mas as pessoas que acreditaram no crescimento de São Caetano do Sul tanto político, como comercial e cultural.

Temos aqui os homenageados, fundadores do Ciesp líder autonomista, Sr. Mário Porfírio Rodrigues, que bem sabe da luta em fazer uma população acreditar à época dos benefícios da emancipação e quão árdua tarefa de desenvolver o comércio e a

indústria na nossa cidade.

Quero parabenizar o Ciesp esforçar que não só a conquista de benefícios às indústrias traz representatividade, comparecer com os demais órgãos públicos e entidades que lutam por melhorias, por convênios e por parcerias.

O trabalho de assessoria empresarial, com cursos e orientação aos mais de 100 associados na atualidade, mostra que o interesse em sedimentar vínculos que façam com que ventos soprem sempre a favor.

É sabido que uma entidade que presta assessoria se busca êxito, mas o Ciesp buscou nesses 50 anos oferecer mais, procurou até mesmo a levar nossas empresas a romper as barreiras com o Mercosul. Mostra o interesse, o trabalho e seguramente a honradez. Parabéns Ciesp! Parabéns a todos os seus componentes! Parabéns pelo seu jubileu de ouro!”

Íntegra do pronunciamento do Christóvam Miguel Sanches:

“Autoridades, senhoras e senhores, desculpem-me, porque não será um discurso, será uma pequena explanação, e o sr. Cláudio Musumeci, poderá me corrigir em alguma coisa que precisar.

Queria fazer uma explicação rápida da origem, da criação da Delegacia do Ciesp em São Caetano do Sul, e hoje me refiro ao Rotary São Caetano do Sul aqui especialmente, em função de outras células rotarianas. Então, nasceu no Rotary São Caetano do Sul uma delegacia do Centro das

Indústrias do Estado de São Paulo, já que a existência desse órgão em diversas cidades do nosso estado demonstrava um resultado positivo para os produtores de industriais.

Em nossa região existia a Delegacia de Santo André, da qual nos socorriamos, e pensávamos como não seria interessante ter uma Delegacia aqui, e não precisar se locomover daqui para Santo André para tratar de assuntos de nosso interesse. Assim sendo, dentro do Rotary Clube de São Caetano do Sul de então, como Presidente da Comissão, resolvi fazer esse movimento lá dentro, onde também existiam muitos industriais. Fizemos um abaixo-assinado dirigido à diretoria do Centro em São Paulo, situado na ocasião no Edifício Mauá, no Viaduto Dona Paulina, nº 80, perto da Praça João Mendes. Hoje o Ciesp/Fiesp, junto com outros órgãos estão na Avenida Paulista, em São Paulo.

Queria pedir licença para fazer uma homenagem, porque como já disse, nós fizemos esse movimento dentro do Rotary Clube de São Caetano do Sul, e essa entidade deu origem ao Ciesp, e temos em mãos a relação dos componentes, e vou pedir a paciência dos senhores para ouvirem, porque há 50 anos atrás muita gente existia, e lamentavelmente muitos hoje não estão mais aqui. Assim sendo, vou fazer uma rápida leitura, com a intenção de homenagear os que já se foram com a mesma intensidade dos que ainda estão aqui, do nome dos componentes da delegacia do Ciesp na data de sua fundação.

Por aclamação foi constituído delegado do Ciesp, este que vos fala,



Entrega de cartão de prata para o Ciesp-São Caetano do Sul.
Da esquerda para a direita: Cláudio Musumeci,
José Auricchio Jr., Vitor Serravalle, Paulo Bottura

Christóvam Miguel Sanches, das Bebidas Dunga Ltda., e como vice o Sr. Oswaldo Soares, da Poliprint S/A. E algumas empresas que eram daqui no futuro se mudaram para São Paulo. Os conselheiros eram os Srs. Urames Pires dos Santos, Cerâmica São Caetano S/A; Antônio Caparrós Guevara, Calçados Floreal Ltda.; Sebastião Sampaio de Assis, Correntes São Caetano S/A; Rubens da Costa Patrão. Cerâmica Artística da Costa; João L. P. Bonaparte, Café Jambo Ltda.; José Canteras Soriano, Produtos Alimentícios Glutelar; Hermógenes Walter Braido, Indústria Agro-Química Braido Ltda.; Augusto José Zambelli, Metalúrgica Zaga; Matheus Constantino, da Matheus Constantino & Cia Ltda.; Brasília Rossetti,

Cerâmica Ita-Brasil S/A; Reynaldo Rampazzo, Indústrias Aliberti S/A; João Safrany, Metalúrgica Safrany Ltda.; Mário Porfírio Rodrigues, Produtos Alimentícios Nacionais S/A; Keigo Toyoda, S; Toyoda & Cia Ltda.; Albert Politi, Indústria Têxtil Jolibert; Carmine Walter Barile, Metalúrgica Barile; Kurt Metzner, Indústrias Santana; Pedro Suhaldonik, Caldeiraria São Caetano S/A; Jordano Ventura, Jordano Ventura & Cia. Ltda.; Jordano P. S. Vincenzi, Fábrica de Camisas Ivany; Júlio Cezar Tindó, Ferro Enamel do Brasil Ind. e Com. Ltda. E como suplentes os Srs. Lauro Garcia, Ind. Botões São Caetano; Miguel Scherk, Ind. de Móveis Santa Catarina e Anton Holger Wilhensen, Willo S/A.

Fiz o pedido a vocês para ler, porque hoje, com meu amigo Patrão, devemos estar com sete elementos, a quem Deus deu a ventura de poder estar aqui, como este que vos fala.

Há aqui uma quantidade grande de pessoas que mereceriam ser citadas, para os quais peço, pelo menos mentalmente um minuto de silêncio.

Bem meus amigos, dou por encerrada minha explicação, e se alguém tiver alguma dúvida, pode perguntar, mas creio que não há necessidade.

Depois de 50 anos vale a pena lembrar algumas coisas. Foi criado dentro do Rotary Clube de São Caetano do Sul, com apoio do Presidente do Ciesp/Fiesp, Antônio Divisate, grande amigo e colega, e Roberto Simonsen e Armando de Arruda Pereira, duas figuras de São Caetano do Sul, da Cerâmica São Caetano. Não há por que fugir de citar esses nomes de São Caetano, por são elementos que levaram o nome de São Caetano a todo o Brasil.

Muito obrigado e até uma próxima oportunidade.”

Íntegra do pronunciamento do sr. Vitor Serravalle:

“Cumprimento especialmente ao meu líder, Cláudio Musumeci, diretor-titular da Fciesp de São Caetano do Sul, extensivo a todos os empresários, meus colegas do Ciesp.

Minhas homenagens aos diretores desta instituição.

É bom saber que esta diretoria

municipal preserva as suas referências, porque elas é que nos guiam através do seu aprendizado e de todo o ensinamento que a sabedoria empresarial que nos traz.

Quero, finalmente, cumprimentar a todas as autoridades civis e militares aqui presentes, bem como a todos os senhores e senhoras.

Os meus agradecimentos ao Presidente Cláudio Vaz, que me deu a missão de vir representá-lo neste importante evento. Pensei inicialmente que se tratava de trabalhos, mas para mim foi mais uma espécie de prazer, porque, sou sulsancaetanense, nasci há 48 anos de idade, e ter a oportunidade de vir a esta Edilidade neste momento tem um grande significado para mim.

O Ciesp é uma das 42 diretorias, e São Caetano do Sul é um representando das 10 micro regiões, para que possamos estabelecer o modelo de liderança e ajudar os empresários para que ganhem competitividade de sobrevivências neste desafio que o mercado e as condições econômicas nos trazem.

Esta diretoria e os seus representantes que formam esta liderança empresarial têm trazido ao Ciesp corporativo muita coisa boa. Eu, pessoalmente, que sou diretor titular de um departamento que cuida de dar suporte aos empresários de todo o Estado para entender o que é a responsabilidade social, de como podemos utilizar isto para garantir a sustentabilidade da sociedade integrado com os setores governamentais e com a sociedade civil organizada, nós sabemos qual é o nosso

papel.

E, aqui em São Caetano vejo alguns empreendedores sociais que conheço pelo trabalho que têm feito para toda a sociedade, é de onde buscamos exemplos para poder replicar em outras regionais, em outras cidades, e para fazer o desempenho da principal competência que o Ciesp tem, que é sua capilaridade. Ou seja, quando nós temos a oportunidade de usar a experiência dos empresários, das suas relações com a sociedade, e podemos multiplicar isto, criar melhores práticas a serem utilizadas, o Ciesp cumpre o seu papel.

E, é muito bom colocar isto para nós, do Ciesp, ter aqui em São Caetano um exemplo com tantas competências que estamos sempre procurando utilizar para continuar garantindo a nossa sustentabilidade.

Portanto, em nome do presidente Cláudio Vaz, de todo o Ciesp, eu cumprimento o Ciesp de São Caetano, e que eu possa estar aqui futuramente não só para aprender com os senhores, para trocar experiências, mas para reconhecer os resultados que os senhores têm agregado e que vão continuar agregando ao nosso conhecimento, que também é meu.

Muito obrigado e parabéns!”

Íntegra do pronunciamento do prefeito. José Auricchio Júnior:

“Minhas senhoras e meus senhores, o motivo é de orgulho: Jubileu de Ouro de uma entidade com o peso que o Centro das

Indústrias do Estado de São Paulo tem no cenário nacional, representativo do PIB da nação.

Eu vou me permitir, com a sua aquiescência, sr. Cláudio Musumeci, que façamos um pequeno balanço das atividades da nossa cidade, pois este tem sido motivo e tema de discussões incansáveis, algumas fundamentadas e outras com pouco nível de conhecimento.

São Caetano vem do Século XIX com sua atividade de cerâmica fundamentalmente, após a chegada dos primeiros imigrantes, aonde por um ciclo evolutivo a indústria, com a chegada do Século XX agregou-se a atividade da indústria automobilística e de suas satélites.

Pois bem. A cidade se desenvolveu. Enriqueceu, produziu uma qualidade urbana invejável, com indicadores sociais de altíssimo nível, discussões, sim, porém sempre voltadas ao desenvolvimento e prosperidade da cidade e de seu povo.

Em seguida a determinado momento, por circunstâncias externas do país e do estado, como Cláudio Musumeci já disse aqui, o país, o estado e em especial a nossa região, passam por uma década conhecida como década perdida. Movimento social de um lado, estagnação econômica de outro, a indústria afugentou-se do ABC. Anos de chumbo para o ABC!

Surge o movimento da redemocratização do país. A situação econômica não melhora, porém se organiza, e a cidade passa a viver além desse cenário regional, estadual e nacional, um complicador interno. Somos

uma cidade impactada do ponto de vista urbano. Não temos para onde crescer. Verticalizou-se, aumentou a frota de veículos, conseguimos alguns padrões sócio-econômicos, alguns até em níveis ascendentes. Porém, é claro o desafio que nos põe à mesa: que rumos tomarmos? Em qual segmento devemos nos debruçar?

Aí vem a discussão acalorada. Discussão aonde alguns certamente se envolvem com o coração, outros com a razão e outros talvez até fruto do desconhecimento.

Pois bem, a nossa cidade é hoje uma cidade, Cláudio, que tem na sua contribuição fiscal mais de 60% oriundo do setor produtivo industrial, do qual, desse montante de recursos, 2/3 vem do valor adicionado por atividades empresariais das quais vocês participam fielmente. Desse montante temos três grandes blocos, o primeiro bloco, General Motors do Brasil; o segundo bloco, Petrobrás, através de sua distribuidora Transpetro, o terceiro bloco pulverizado por todo o segmento industrial da nossa cidade.

Isso não nos garante o futuro. Isso não nos permite recuperar a capacidade de investimento para modernizar a cidade. Temos que procurar, e temos trabalhado incessantemente nisso, não tenho dúvida em afirmar aos senhores que o século XIX foi das olarias, o século XX foi da indústria automotiva e o século XXI será dos serviços.

Mas, quero deixar aqui a vocês industriais a certeza que estamos perseguindo serviços de alto valor agregado, serviços voltados às atividades industriais, que é sim o nosso carro chefe, e que

continuará sendo para as próximas décadas.

Porém, não podemos nos afastar desta missão. Temos que ter consciência, pés no chão e sabedoria, entendendo que a cidade não pode se deteriorar, muito menos a sua atividade industrial que deve ser voltada ao máximo para que consiga trazer o serviço que nós queremos, o serviço que qualifique a mão de obra, o serviço que gere receita, e o serviço que gere tecnologia, conhecimento e transferência de conhecimento.

Tenho certeza que nos dois anos que tenho administrado São Caetano do Sul, com a colaboração desta Casa, temos conseguido atingir essa marca. Temos trazido de fato para a cidade uma nova âncora na prestação de serviço, um serviço de alto valor agregado, ligado à tecnologia de informação. Não gosto de rótulos, não procuro dizer que aqui seremos o Vale do Silício Brasileiro, ou coisa que o valha. Nós temos que ter o nosso perfil, a nossa atividade. Acho que temos dado demonstração inequívoca de que esse rumo é o que pretendemos, e é o rumo que tem dado certo.

Temos trazido com grande satisfação, valores que têm garantido para nós, na nossa receita anual um crescimento vertiginoso real de 27% do fator arrecadatário atual. Vocês sabem o quanto isso representa em termos real, descontado o processo inflacionário. Há décadas que São Caetano não atingia esses valores. E isso tem sido feito através dessas novas atividades, e quando digo isso, não é só no sentido de que as empresas aqui cheguem e se instalem em algum canto onde possa estar abrigando uma pequena empresa



Integrantes da primeira diretoria do Ciesp-São Caetano do Sul foram homenageados na sessão solene. Da esquerda para a direita: Urames Pires dos Santos, Christóvam Miguel Sanches, Mário Porfírio Rodrigues, Rubens da Costa Patrão, João Luiz Paschoal Bonaparte

de serviços, mas sim que tenham trazido tecnologia e transferência de conhecimento.

Prova disso é a tecnologia de informação, que é a bandeira que carregamos. Hoje temos um grupo de empresários que desenvolve um instituto da tecnologia e da informação, uma entidade não governamental, que conta com nosso apoio, que conta com forças exteriores, inclusive pleiteando financiamento internacional, que vai trazer uma transformação na condição da prestação de serviço desse segmento.

Trouxemos para cá a garantia da instalação do Instituto Mecano, um instituto italiano que, através da Agência de Desenvolvimento Econômico, procurou o ABC

para trazer para cá a transferência de tecnologia no setor automotivo de autopeças, garantia de instalação em São Caetano!

Trouxemos para cá a Fatec, Faculdade de Tecnologia, em convênio com o Governo do Estado de São Paulo, com vestibular no meio do ano, curso escolhido: tecnologia da informação. Vamos formar jovens com mão de obra qualificada para quem fica na cidade nesta nova atividade que tem se desenvolvido dia a dia. Trouxemos a garantia através de uma joint venture com o setor privado, Grupos Magnesita e Sobloco, o desenvolvimento do pólo tecnológico que já se faz claro e que deve entrar em fase inicial de comercialização nos próximos meses.

Garantia maior do que esta: a General Motors do Brasil traz para a sua planta de São Caetano do Sul.

Vamos formar jovens com mão de obra qualificada para que fiquem na cidade nesta nova atividade que tem se desenvolvido dia a dia.

Trouxemos a garantia através de uma joint venture com o setor privado, Grupos Magnesita e Sobloco, o desenvolvimento do pólo tecnológico que já se faz claro e que deve entrar em fase inicial de comercialização nos próximos meses.

Garantia maior do que esta: a General Motors do Brasil traz para a sua planta de São Caetano do Sul o seu Centro de Desenvolvimento Tecnológico. Passa a ser uma das cinco plantas do mundo com essa capacidade, a única no continente latino-americano. Garantia de investimento de 500 milhões de reais. Planta de novos automóveis, desenvolvimento de novos projetos espalhados para o mundo inteiro. Contratação imediata de 300 engenheiros de alto valor técnico.

Enfim, poderíamos citar outros

ganhos que a cidade tem. Mas vamos parar, porque isto deixa claro o nosso agradecimento aos senhores industriais, porque os senhores souberam erguer esta bandeira há mais de 50 anos atrás, quase concomitantemente com o movimento autonomista de nossa cidade.

Porém, temos que ter a visão, a coragem e a compreensão dos senhores, porque a sua atividade é fundamental e imprescindível para a nossa cidade. Não poderemos nos curvar aos movimentos que o mundo globalizado nos traz.

Então, temos a certeza que daqui para frente São Caetano se moderniza, sim. Garante o seu desenvolvimento urbano com um crescimento sustentado do ponto de vista social e ambiental através de uma nova fase, aonde os senhores são os protagonistas principais.

Muito obrigado Ciesp. Obrigado Cláudio Musumeci, obrigado.

E, contem com São Caetano. Parabéns.”

Conselheiros

Gestão 2004-2007



Diretor-Adjunto
Antonio Peres Filho



Diretor-Titular
Claudio Musumeci



Diretor-Adjunto
William Pesinato



Conselheiro-Titular
Antonio C. F. Laranjeiras



Conselheiro-Titular
Antonio Carlos Ramos



Conselheiro-Titular
Celso Cícero



Conselheiro-Titular
Eduardo Alberto Nahkur



Conselheiro-Titular
Eduardo A. Salmazo



Conselheiro-Titular
Gæssio Oliveira



Conselheiro-Titular
Gilberto G. de Souza



Conselheiro-Titular
José R. Sukadolnik



Conselheiro-Titular
Júlio C. de Souza Lima



Conselheiro-Titular
Maurício S. da Silva



Conselheiro-Titular
Milton F. da Silva



Conselheiro-Titular
Paulo C. Matavelli



Conselheiro-Titular
Paulo Roberto Cazella



Conselheiro-Titular
Reinaldo Wosniak



Conselheiro-Titular
Sérgio F. da S. Ribeiro



Conselheiro-Titular
Tarcízio W. de Souza



Conselheiro-Titular
Ulisses C. Oliveira



Conselheiro-Suplente
Fernando T. Simon



Conselheiro-Suplente
Homero A. Galacini



Conselheira-Suplente
Ivany Martins Sanches



Conselheiro-Suplente
José Carlos Dias Reis



Conselheiro-Suplente
Luiz Roberto de Pádua



Conselheiro-Suplente
Nelson A. Braido



Conselheiro-Suplente
Vilson Lopes

Composição da Delegacia do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo – São Caetano do Sul, eleita para gestão 2007- 2011.

Cargo	Nome	Empresa
Diretor Titular	William Pesinato	FÁB DE ARTEFS METALÚRGICOS ITÁ LTDA
1º Vice-Diretor	Antonio Peres Filho	IND METALÚRGICA SEREP LTDA
2º Vice-Diretor	Claudio Musumeci	DIAMANTE TEMPERA DE VIDROS LTDA
Conselheiro Titular	Cláudio Almiro Armidoro	ECOPLAS ABC LTDA ME
Conselheiro Titular	Luiz Roberto de Pádua	CONTEMP IND COM E SERV LTDA
Conselheiro Titular	Antonio Carlos Freitas Laranjeiras	COML INDL DE AUTO PEÇAS CIAP LTDA
Conselheiro Titular	Gilberto Gomes de Souza	SINDIGRAF IND GRÁFICA LTDA
Conselheiro Titular	Júlio César de Souza Lima	FARMACO FARMÁCIA DE MANIPULAÇÃO LTDA
Conselheiro Titular	Sérgio Fernando da Silva Ribeiro	UNIONREBIT IND COM DE ARTEFS DE METAIS LTDA
Conselheiro Titular	Antonio Carlos Ramos	GENERAL MOTORS DO BRASIL LTDA
Conselheiro Titular	Homero Augusto Galacini	H LAM IND COM LTDA
Conselheiro Titular	Vilson Lopes	METALÚRGICA LUVIAR LTDA
Conselheiro Titular	Reinaldo Wosniak	ÁPICE ARTES GRÁFICAS LTDA
Conselheiro Titular	Eduardo Alberto Nahkur	ARGAL QUÍMICA IND COM LTDA
Conselheiro Titular	José Carlos Dias Reis	ENGEFOOD EQUIPS ENGENHARIA E REPRES LTDA
Conselheiro Titular	Tarcizio Waldemar de Souza	SOMETAL IND MECÂNICA LTDA
Conselheiro Titular	José Ricardo Sukadolnik	CALDEIRARIA SÃO CAETANO INDS MECÂNICAS LTDA
Conselheiro Titular	Silvio Roberto Daidone	PAN PRODS ALIMENTÍCIOS NACIONAIS LTDA
Conselheiro Titular	Levi Fornasierl	IND METALÚRGICA A PEDRO LTDA
Conselheiro Titular	Paulo Cornélio Matavelli	CARDEAL IND E COM DE ALIMENTOS LTDA
Conselheiro Titular	Nelson Antonio Braidó	IND AGRO-QUÍMICA BRAIDO LTDA
Conselheiro Titular	Maurício Soares da Silva	AQUARIUS USINAGEM E ESTAMPARIA LTDA
Conselheiro Suplente	Edvaldo Ribeiro	JUNSEAL ESPUMAS ESPECIAIS LTDA
Conselheiro Suplente	Nicola Antonio Raz	RÁCZ IND METALÚRGICA LTDA
Conselheiro Suplente	Carlos José Rodrigues	JADA CONDUTORES ELÉTRICOS LTDA EPP
Conselheiro Suplente	Paulo Roberto Cazella	OLKING AUTO MOTRIZ LTDA
Conselheiro Suplente	Irwin Ritachel	MICROBLAU IND ELETRÔNICA LTDA
Conselheiro Suplente	David Ricardo Galego	PLÁSTICOS IBRACIL LTDA
Conselheiro Suplente	Alfredo Zunho Salvato	AMA SERVIÇOS LTDA
Conselheiro Suplente	Pedro Vieira Filho	PROREVEST REVEST. DE POLIURETANO E PEÇAS ESPECIAIS LTDA
Conselheiro Suplente	Rogério Teixeira	PORCELANA TEIXEIRA LTDA
Conselheiro Suplente	Ulisses Chernichenco de Oliveira	SERTHI HIDRÁULICA LTDA

Fonte: Ciesp São Caetano

Bibliografia

- FAUSTO, B. (2002). **História Concisa do Brasil**. 1ª ed, 1ª reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado.
- FRENCH, John D. (1992). **The Brazilian Workers ABC**. Class conflict and alliances in modern São Paulo. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press.
- LOPES, J.B. (1973). Desenvolvimento e migrações: uma abordagem histórico-estrutural. Estudos Cebrap, nº 6, out/dez,p.129-42.
- MARTINS, José de Souza (1992). **Subúrbio**. Vida cotidiana e História no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul.
- MARTINS, José de Souza (1998). **Diário de Fim de Século**. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória.
- PACHECO, C A.; PATARRA, N.L.(1997). Movimentos migratórios Anos 80: novos padrões?. Anais do Encontro Nacional sobre Migração. Curitiba. pp.445-462 .
- VAINER, C.; BRITO,F. (2001) Migration and Migrants Shaping Contemporary Brazil. XXIV General Population Conference. IUSSP.

Fontes

- Acervo do Ciesp-São Caetano do Sul
- Depoimento de Urames Pires dos Santos em fita de vídeo, dezembro de 2006.
- Depoimento de Rubens da Costa Patrão em fita de vídeo, dezembro de 2006.
- Depoimento de Walter Braido em 3 de abril de 2007.
- Depoimento de Christóvam Miguel Sanches em 4 de abril de 2007.
- Depoimento de Péricles Arcuri Gastaldo em 11 de abril de 2007.
- Depoimento de William Pesinato em 20 de abril de 2007.
- Depoimento de Mário Porfírio Rodrigues em 26 de abril de 2007.
- Depoimento de Antonio Peres Filho em 15 de junho de 2007.
- Depoimento de João Luiz Paschoal Bonaparte em 19 de julho de 2007.
- Depoimento de Cláudio Musumeci em 11 de agosto de 2007.
- Depoimento de José Ricardo Sukadolnik em 21 de agosto de 2007.
- Fundação Seade de São Paulo.
- Fundo Monetário Internacional.Base de Dados Mundial de Economia, Abril 2005.
- Fundo Monetário Internacional. World Economic Outlook Database, Abril 2007.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2006).Cadastro Central das Empresas 2004.
- Jornal de São Caetano (coleção completa).
- Malha municipal digital do Brasil; situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE.

Sobre o Autor

Aleksandar Jovanovic é professor da Universidade de São Paulo, doutor em Semiótica e Lingüística Geral, tradutor e jornalista. Foi membro do Conselho Diretor e presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Criou e dirigiu o Projeto Editorial da Prefeitura/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Criou e editou a revista Raízes, de 1991 a 2000. Publicou, dentre outros, **Descubra a lingüística** (São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1987), **À sombra do quarto crescente**: notas sobre história e cultura da Europa Centro-Oriental (São Paulo, Editora Hucitec, 1995) e **Bosque da maldição** (Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2003).

Ficha Técnica

"Das chaminés à robótica." Cinquenta anos do Ciesp São Caetano

Ciesp -Centro das Indústrias do Estado de São Paulo
Cláudio Musumeci

Projeto Editorial

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
D. Glenir Santarnecchi

Revisão de Textos

Aleksandar Jovanovic

Pesquisa iconográfica e organização de dados

Heleni Felipe

Projeto Gráfico

Aleksandar Jovanovic

Capa e Editoração

Antonio Devanir Leite Júnior

Secretaria e Coordenação

Maria Aparecida M.Fedatto

Fotografias

Acervo do Centro de Documentação Histórica da
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Acervo da Câmara Municipal de São Caetano do Sul
Acervo do Ciesp-São Caetano do Sul
Acervo de José Ricardo Sukadolnik
Antonio Reginaldo Canhoni
Yoji Agata